

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA – PROMESTRE

RONILDO GERALDO DA SILVA

**SABERES TRADICIONAIS DE BENZEDEIRAS
E OS PROCESSOS EDUCATIVOS DA EJA**

Belo Horizonte

2022

Ronildo Geraldo da Silva

SABERES TRADICIONAIS DE BENZEDEIRAS
E OS PROCESSOS EDUCATIVOS DA EJA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FAE/UFMG, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação de Jovens e Adultos

Orientador: Prof. Dr. Natalino Neves da Silva

Belo Horizonte

2022

S586s

Silva, Ronildo Geraldo da, 1967-

Saberes tradicionais de benzedeadas e os processos educativos da EJA
[manuscrito] / Ronildo Geraldo da Silva. - Belo Horizonte, 2022.

98 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

Orientador: Natalino Neves da Silva.

Bibliografia: f. 90-93.

Apêndices: f. 94-98.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações raciais -- Teses. 3. Educação --

CDD- 370.19342

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO RONILDO GERALDO DA SILVA

Realizou-se, no dia 28 de março de 2022, às 14:00 horas, por videoconferência, a 334ª defesa de dissertação, intitulada *Saberes tradicionais benzedeiros e os processos educativos da EJA*, apresentada por RONILDO GERALDO DA SILVA, número de registro 2019653782, graduado no curso de HISTÓRIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Natalino Neves da Silva - Orientador (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Livia Nascimento Monteiro (UNIFAL-MG), Prof(a). Heli Sabino de Oliveira (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 28 de março de 2022.

Prof(a). Natalino Neves da Silva (Doutor)

Prof(a). Livia Nascimento Monteiro (Doutora)

Prof(a). Heli Sabino de Oliveira (Doutor)

Dedico esta dissertação aos meus educandos(as), aos(às) quilombolas da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, aos(às) meus(minhas) professores(as) e mestres(as) da FAE/UFMG que foram os maiores incentivadores na conclusão de mais esta etapa de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, por me permitir o entendimento, o significado e a importância de honrar meus ancestrais. Por permitir que a luz, a sabedoria e a busca incessante por conhecimentos façam parte da minha caminhada em todos os dias da minha vida.

Agradeço aos meus pais, que desde a infância foram capazes de mostrar a seus filhos o significado e a importância de valorizar a escola, o aprendizado e o conhecimento.

Agradeço a minha esposa Sônia, minha filha Sofia e meu filho Artur, pela compreensão em minha ausência para me dedicar a esta pesquisa.

Por fim, agradeço imensamente meus professores do mestrado. A meu Orientador, Prof. Dr. Natalino Neves da Silva, pela paciência, contribuições e entendimento do valor desta pesquisa. Ao Prof. Dr. Heli Sabino, pelo incentivo e conversas para que eu pudesse cursar o mestrado na FAE. A todos os colegas de mestrado, que foram capazes de dar aquele incentivo e apoio em momentos difíceis nessa caminhada.

Um agradecimento muito especial e carinhoso às benzedeiras e lideranças do Quilombo N. Sra. do Rosário de Justinópolis, pelas contribuições e ensinamentos.

Encontrei minhas origens

*Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
cantos
em furiosos tambores
ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei*

(OLIVEIRA, Silveira. *Roteiro dos tantãs*. Porto Alegre: Edição do autor, 1981, p. 136.)

RESUMO

Este estudo propõe entender possíveis interlocuções entre os saberes tradicionais populares negros de “benzedeiros” e os processos educativos realizados na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O problema central proposto busca compreender se os saberes tradicionais de 3 (três) mulheres benzedeiros quilombolas dialogam com os processos educativos da EJA. A pesquisa foi realizada com membros da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, pertencente ao Quilombo de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, Ribeirão das Neves, em Minas Gerais. Como procedimento metodológico de pesquisa adotado, além do levantamento bibliográfico, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, a observação participante e a produção de uma cartilha como parte do recurso educacional. O estudo dialoga com a produção do campo de conhecimento da educação popular a partir da sua especificidade entendida por nós como: Educação Popular Negra, bem como a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) em interface com a EJA. Com os resultados alcançados, constatamos a necessidade dessa modalidade de ensino integrar de fato outras possibilidades de saberes que são produzidos nas comunidades locais e do entorno. Afinal, os saberes tradicionais têm se afirmado como uma profícua experiência comunitária. Espera-se, portanto, que os resultados aqui obtidos possam, de alguma maneira, contribuir com a realização de outras e novas práticas educativas realizadas na EJA que levem em consideração os saberes das benzedeiros e quilombolas, conforme preconizado na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais.

Palavras-chave: Educação popular negra. Benzedeiros. EJA.

ABSTRACT

This study proposes to understand possible interlocutions between the Traditional Popular Black Knowledge of “benzedeirás” and the educational processes carried out in Youth and Adult Education (EJA). The proposed central problem seeks to understand whether the traditional knowledge of 3 (three) quilombola benzed women dialogue with the educational processes of the EJA. The research was conducted with members of the Brotherhood Our Lady of the Rosary belonging to the Quilombo of Our Lady of the Rosary of Justinópolis, Ribeirão das Neves in Minas Gerais. As a methodological procedure of research adopted, in addition to the bibliographic survey, semi-structured interviews were conducted, participant observation and the production of a booklet as part of the educational resource. The study dialogues with the production of the field of knowledge of Popular Education based on its specificity understood by us as: Black Popular Education, as well as the Education of Ethnic-Racial Relations (ERER) in interface with the EJA. With the results achieved we noticed the need for this type of teaching to actually integrate other possibilities of knowledge that are produced in local and surrounding communities. After all, traditional knowledge has asserted itself as a fruitful community experience. It is expected, therefore, that the results obtained here can contribute in some way to the realization of other and new educational practices carried out in the EJA, especially taking into account the knowledge of the benzedeirás and quilombolas, as recommended from the perspective of The Education of Ethnic-Racial Relations.

Keywords: Black popular education. Benzedeirás. EJA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG	19
Figura 2 – Sede do Quilombo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário	29
Figura 3 – Manifestação cultural no Quilombo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário	30
Figura 4 – Escola de Enfermagem Hugo Werneck (PUC Minas).....	37
Figura 5 – Região das proximidades do Quilombo N. Sra. do Rosário de Justinópolis	38
Figura 6 – Guarda do Congo – Congado da Irmandade N. Sra. do Rosário	46
Figura 7 – Guarda de Moçambique da Irmandade N. Sra. do Rosário.....	47
Figura 8 – Rainha do Congado da Irmandade N. Sra. do Rosário	49
Figura 9 – Convite de Festa do Quilombo da Irmandade N. Sra. do Rosário	51
Figura 10 – Escola Estadual Luiz Gama.....	61
Figura 11 – Assa-peixe – planta medicinal – <i>Vernonia polysphaera</i>	83
Figura 12 – Plantas medicinais e qualidade de vida	84
Figura 13 – Melissa, planta medicinal – <i>Ervanarium</i>	84
Figura 14 – Levante – planta medicinal – <i>Mentha citrata</i>	86
Figura 15 – Mastruz – planta medicinal – <i>Amaranthaceae</i>	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Renda, pobreza e desigualdade – Município de Ribeirão das Neves/MG	.16
Tabela 2 – Perfil das benzedadeiras da Irmandade N. Sra. do Rosário de Justinópolis	..26
Tabela 3 – Estudantes da EJA com vínculos com a Irmandade N. Sra. do Rosário62
Tabela 4 – Total de estudantes da EJA na Escola Estadual José Luiz Gama entre os anos 2005 e 202063

LISTA DE SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ASB – Auxiliar de Serviços de Educação Básica

CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa

CREM- Currículo Referência Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ERER – Educação para as Relações Étnico-Raciais

FAE – Faculdade de Educação

GT18 – Grupo de Trabalho 18

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

PROMESTRE – Mestrado Profissional Educação e Docência

PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SEE/MG – Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SIMADE – Sistema Mineiro de Administração Escolar

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: TRAJETÓRIAS DE VIDA E PROFISSIONAL QUE SE ENTRELAÇAM COM OS SABERES TRADICIONAIS.....	15
1.1	Problema da pesquisa.....	20
1.2	Percurso metodológico de pesquisa.....	21
1.3	Saberes, benzeção e comunidade quilombola: primeiras aproximações.....	27
1.4	Organização do trabalho.....	32
2	OS SABERES TRADICIONAIS E A EJA: AS CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES DA EXPERIÊNCIA NA TAREFA DE EDUCAR JOVENS, ADULTOS E IDOSOS.....	33
2.1	Saberes tradicionais: as sujeitas, seus ofícios e plantas de usos medicinais.....	33
2.2	Benzedeira Chica.....	36
2.3	Benzedeira Zinha.....	38
2.4	Benzedeira Zana.....	39
2.5	Saberes tradicionais: um legado histórico a ser preservado.....	40
2.6	Congada, religiosidades negras e afirmação identitária: os nossos passos vêm de longe!	45
2.7	Saberes afrodiaspóricos de resistências e histórias de vidas.....	52
3	EJA, SABERES TRADICIONAIS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PELA VALORIZAÇÃO AFRODIASPÓRICA.....	58
3.1	EJA e os saberes tradicionais: diálogos, aproximações e desafios.....	58
3.2	Educação das relações étnico-raciais e EJA.....	66
4	ENTRE OS SABERES TRADICIONAIS DE BENZEDEIRAS E OS PROCESSOS DE (IN)VISIBILIZAÇÃO DE SUAS PRÁTICAS NA EJA E NA SOCIEDADE.....	74
4.1	Saberes transmitidos pela experiência.....	74
4.2	Tensão entre saberes tradicionais comunitários e o conhecimento moderno societário.....	77
4.3	Os sentidos da benzeção: resistências e patrimônio imaterial ameríndio e afrodiaspóricos..	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	90
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	94
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS PARA ENTREVISTA COM AS BENZEDEIRAS.....	98

1 INTRODUÇÃO: TRAJETÓRIAS DE VIDA E PROFISSIONAL QUE SE ENTRELACAM COM OS SABERES TRADICIONAIS

O meu interesse pelos “saberes populares e tradicionais” de modo em geral sempre estiveram muito presentes, principalmente em relação às questões raciais. Sou negro, meus pais e meus avós possuem ancestralidade afrodescendente.

Na escola, por algumas vezes, vivenciei situações de discriminação. Na infância, já fui preterido em diversas situações, como apresentações de teatro em sala de aula, por exemplo. Por vezes, as professoras demonstravam preferências no tratamento com alunos não negros¹. Os estudantes negros de cabelos crespos, na condição de criança negra, não recebiam elogios ou não eram solicitados para apresentações de atividades dentro da sala de aula.

Ainda cursando o ensino fundamental durante os anos iniciais, não tive nenhuma professora negra. As lembranças que tenho de adultos negros no ensino fundamental são das cantineiras, faxineiras e pessoas que trabalhavam na horta da escola ou no portão, todos em uma condição que nos remete ao imaginário social do período escravagista. Em outras palavras, nenhum profissional negro tinha autonomia em suas funções ou delegavam tarefas para outras pessoas.

Ainda jovem, comecei minha vida profissional como aluno aprendiz no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em minha cidade natal, Itabira/MG. Sou filho de operário de uma grande empresa de mineração. A lógica existente na cidade desde a chegada dessa grande empresa, em 1942, até meados dos anos 1980, era formar o filho de operário para ser também um operário. Após meu estágio na empresa, não desejei prorrogação de contrato de estágio e, posteriormente, em 1987, comecei a trabalhar nos Correios com a pretensão de me transferir para Belo Horizonte e assim ingressar em um curso superior.

Assim, após algum tempo, nos anos de 1990, consegui minha transferência e, nessa mesma empresa, vivenciei situações que hoje enxergo como discriminatórias de racismo. Por vezes, mesmo com meus conhecimentos e habilidades, e já cursando o ensino superior, fui preterido para ocupar postos mais elevados dentro daquela estatal, certamente pelo fato de eu ser negro.

Hoje, no meu entendimento, esses acontecimentos por mim vivenciados são explícitas manifestações do racismo estrutural que existe em nosso país. Mais tarde, atuando como

¹ A categoria analítica negro é entendida nesta pesquisa de acordo com a categoria censitária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que as pessoas se autodeclararam como pretas ou pardas.

professor de escola pública em regiões periféricas² de Belo Horizonte desde 2002, em turmas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, consegui reforçar o entendimento sobre como os moradores dessas regiões, muitos deles com baixa renda³, a grande maioria negra, conseguem lidar com as diferenças, discriminações e a pobreza.

A esse respeito, ao observarmos o perfil socioeconômico de Ribeirão das Neves, região em que foi realizada a pesquisa, é notória a desigualdade da renda *per capita* existente entre a população autodeclarada negra e não negra, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Renda, pobreza e desigualdade – Município de Ribeirão das Neves/MG

	Negros/2010	Branco/2010
Renda <i>per capita</i>	461,23	532,04
Rendimento médio dos ocupados – 8 anos ou mais	793,15	899,50
% de extremamente pobres	2,39	1,71
% de pobres	9,36	8,81

Fonte: IBGE. Renda referente último censo demográfico em 2010. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/ribeirao-das-neves_mg.

Segundo tais dados, há uma diferença considerável na renda *per capita* da população não negra em relação à população negra. A renda *per capita* da população não negra é cerca de 15,34% maior do que a renda da população negra. Em relação ao rendimento médio da população com ocupação no mercado de trabalho formal, essa diferença a favor da população não negra chega ao percentual de 13,41% em relação à população negra.

A diferença entre a população extremamente pobre negra é 40% maior que a população extremamente pobre não negra, entre todos os pobres do município essa diferença é 6,3%. É importante destacar essas diferenças que acentuam ainda mais os problemas em relação às questões étnico-raciais ainda bastante presente em nossa sociedade, deixando expressas as marcas que as populações descendentes de escravizados carregam até os dias de hoje.

² O termo refere-se às zonas de uma cidade que estão em torno do centro histórico; os subúrbios de uma cidade ou, ainda, os municípios que circundam um núcleo metropolitano central.

³ Toda família com renda mensal de até meio salário-mínimo por pessoa inscrita no Cadastro Único ou que tenha algum integrante que receba o Benefício de Prestação Continuada (BPC) tem direito a descontos na conta de luz, por meio do programa Tarifa Social de Energia Elétrica.

No exercício do magistério, consegui perceber a importância de o saber escolar dialogar com as realidades sociais. E, ao realizar o curso de extensão “Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais”, ofertado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre os “Saberes Tradicionais e Populares”, comecei a entender que minha trajetória sempre esteve ligada a questões peculiares de histórias de vida da população negra, devido às marcas que carregam de uma sociedade que reforça a desigualdade social, educacional e racial.

Durante a realização desse curso na UFMG, em 2017, através de depoimentos das pessoas detentoras desses “Saberes Tradicionais”, entendi mais profundamente minha proximidade com esses conhecimentos.

Em minha infância e juventude, era comum minha mãe me levar, junto com meus seis irmãos, para receber as bênçãos de “benzedadeiras”, com a finalidade de nos curar de alguns males, como torção no tornozelo, falta de apetite, mau-olhado, desânimo e outros. Importante lembrar que, há trinta, quarenta anos, era muito rara a presença de postos de saúde nas comunidades locais e as farmácias eram poucas.

O interesse em aprender mais sobre esses “Saberes Tradicionais e Populares”, a participação em festas religiosas, congados, grupos de marujadas e o contato com as “benzedadeiras”, pessoas alvo da minha pesquisa, motivaram-me para uma ação efetiva. Como educador, isso me proporcionou apropriar do legado de Paulo Freire e descobri que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática” (FREIRE, 1996, p. 12).

Convivendo com membros da comunidade periférica da região de Justinópolis, no município de Ribeirão das Neves/MG, e observando seus costumes desde que comecei a lecionar naquela região, meus entendimentos sobre os trabalhos e histórias dessa comunidade se aprofundaram à medida que eu fui conhecendo os educandos(as) da EJA, benzedadeiras e líderes da comunidade.

Na escola da rede estadual de ensino, onde leciono desde os anos de 2004, passei a conhecer moradores das imediações do Quilombo Urbano de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis.

No ano letivo de 2017, aproximei-me muito mais dessa comunidade e, a partir desse encontro de atividades realizadas com estudantes da escola em que lecionei nesse período, tomamos ciência de que a comunidade foi reconhecida como Quilombo Urbano em 2014, pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Palmares.

Realizei junto com alguns alunos do Ensino Médio um Projeto de Iniciação à Pesquisa Científica e visitamos o quilombo, participamos de algumas atividades, comemorações e dialogamos com os moradores. Conheço os líderes dessa comunidade e estabeleci diálogos importantes com eles.

O delineamento do espaço que se propõe no presente trabalho está circunscrito no Quilombo de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, pelas singularidades e particularidades que se evidenciam no seu processo de formação.

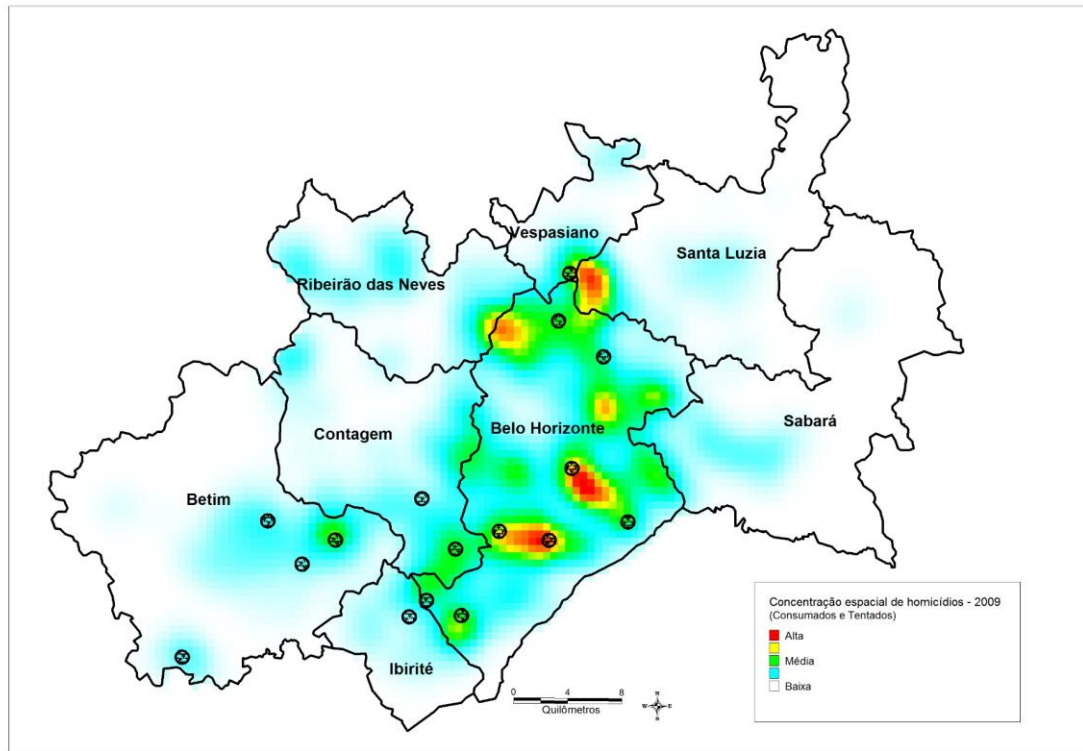
Além dos saberes tradicionais e populares que marcam a vida dos moradores desse quilombo, eles também trazem consigo costumes de várias outras heranças desde antes do século XIX.

A proposta foi tomar como campo de pesquisa a comunidade quilombola de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis⁴, fundada em 1890, em uma região chamada Areias, migrando para a região de Justinópolis em 1919⁵. A sua sede está localizada em terras doadas por um fazendeiro na época, final do século XIX, que admirava e apreciava as tradições e manifestações da Irmandade.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Quilombo-Irmandade-De-Nossa-Senhora-Do-Ros%C3%A1rio-De-Justinopolis/1632149713743746>.

⁵ Disponível em: <https://goo.gl/maps/4FP4u4ikRuFG8gDy8>.

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG



Fonte:

Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mapa+circunscrição+grande+bh&client>.

Como professor atuante em escola pública, lecionando para estudantes de Ensino Médio e estudantes da EJA, considero importante a aproximação dos saberes tradicionais, sobretudo dos educandos da EJA, com saberes escolares.

No exercício da função de professor e na relação com os estudantes e comunidade escolar, foi possível observar conflitos e intolerância religiosa dentro da comunidade escolar relacionados aos fiéis de igrejas pentecostais e membros da Irmandade de N. Sra. do Rosário.

O conflito existe muitas vezes pelo fato de os membros da Irmandade expressarem sua religiosidade usando recursos (vestimentas e instrumentos musicais, entre outros) trazidos pelos seus ancestrais que possuem suas origens na África. Por esse e outros motivos, fiéis de igrejas pentecostais os julgam como não cristãos, os associam como pertencentes à religiosidade do “mal” e muitas vezes dizem que as expressões de suas manifestações estão ligadas ao demônio.

Como nos evidencia o jurista Hédio Silva Jr., os ataques que acontecem contra religiões de matriz africana no Brasil são considerados como racismo religioso. Para ele, as mídias televisivas, em seus canais de redes evangélicas, são em grande parte responsáveis por esses acontecimentos, influenciado sobremaneira as mentalidades de um país colonizado sob a égide da religiosidade católica.

As religiões do Candomblé e Umbanda veem sofrendo ataques constantemente em seus terreiros e casas, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos.

No estado do Rio de Janeiro, as religiões pentecostais têm agregado em seus quadros as figuras que surgem como traficantes de Cristo, que são membros de facções ligadas ao tráfico de drogas, milícias e políticos que atacam constantemente as religiões de matriz africana, isso relacionado a uma região do Brasil em que o crime organizado tem atuado em diversas formatações.

Os evangélicos pertencentes às religiosidades de matriz neopentecostal de diversas igrejas trazem consigo esse preconceito e esse racismo religioso, que, infelizmente, está presente em quase todo o Brasil e nessa localidade da nossa pesquisa.

Reafirmamos aqui que a interlocução de saberes pode ser um instrumento importante na desconstrução de preconceitos, racismo e outros males que afligem nossa sociedade.

À medida que vão acontecendo os diálogos, as conversas, as trocas de informações, e a escola é o lugar de se construir conhecimentos, a nossa sociedade poderá se beneficiar e tentar superar a ignorância sobre o processo histórico da construção do Brasil.

Nesse sentido, a possibilidade de se apropriar de conhecimentos de matrizes epistemológicas africanas, afro-brasileiras e indígenas consiste no papel fundamental a ser exercido pelos profissionais da educação junto à comunidade escolar.

Afinal, a construção de uma sociedade com conhecimentos múltiplos necessita incorporar os conhecimentos cotidianos pautada nos que são significativos e valorizados por parte dessas populações.

O conhecimento produzido aqui, portanto, leva em consideração os saberes das pessoas negras que em seus espaços constroem suas relações e estabelecem modos de vida respeitando-se mutuamente.

1.1 Problema da pesquisa

O problema central desta pesquisa é entender se os saberes tradicionais de 3 (três) mulheres benzedoras quilombolas dialogam com os processos educativos da EJA. Outros questionamentos são possíveis de serem feitos, a saber: de que maneira essa interlocução pode contribuir com a realização desses processos? Os saberes são transmitidos para as novas gerações? Como?

A realização do estudo busca entender ainda: qual é o nível de escolaridade dessas mulheres? Elas possuem a vivência em processos educativos da EJA? Qual a escolaridade de seus filhos e netos?

A realização do estudo busca contribuir com o campo de estudo da EJA, entendida aqui a partir das contribuições da Educação Popular, de modo mais específico, a Educação Popular Negra, bem como o das Relações Raciais, no sentido de valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira na construção socioeconômica, cultural e do patrimônio imaterial da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, quanto aos objetivos específicos, buscou-se entender: a) se os saberes tradicionais das benzedeadas têm sido transmitidos para novas gerações; b) analisar se as novas gerações articulam ou não esses saberes com os advindos de processos de escolarização da EJA; c) verificar se as práticas educativas da EJA dialogam com esses saberes tradicionais; d) investigar em que medida eles poderiam contribuir com a realização dessas práticas.

1.2 Percorso metodológico de pesquisa

Os saberes tradicionais e populares das benzedeadas se constituem como uma das formas de cuidado à saúde dessas populações, que ainda nos dias de hoje fazem uso desses conhecimentos para curar enfermidades. Esse uso acontece por meio da fé e são carregados como heranças ancestrais significativas.

As pessoas que residem na comunidade acreditam nos saberes da benzeção, sendo que a crença se dá por meio dos resultados que acontecem em suas vidas, nas relações de fé profunda e os próprios conhecimentos que as benzedeadas possuem de ervas medicinais naturais. Assim sendo, o reconhecimento de práticas culturais comunitárias diz respeito à necessidade de valorizar os saberes produzidos pela população afro-brasileira e indígena.

Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas valorizam a interlocução ocorrida entre saberes populares e os saberes escolares. Essa compreensão, apesar de não ser ainda hegemônica, nos permite ponderar a necessidade de aprofundar os diálogos ou troca de experiências acerca do campo da EJA no que concerne ao investimento de produção de conhecimento contracolônial.

Para alcançar tais objetivos, consideramos que a realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, realizamos um levantamento bibliográfico (SciELO, Portal Capes, Google acadêmico, Grupo de Trabalho de Jovens e Adultos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), entre outros) acerca de estudos que tangenciam o tema aqui desenvolvido.

Utilizando as categorias saberes populares benzedeiras; EJA; quilombo urbano etc., encontramos 106 publicações. A mesma busca foi realizada na plataforma SciELO utilizando os mesmos descritores de pesquisa, contudo, nenhum trabalho de pesquisa foi mapeado. Ao refinarmos o termo de busca para “saberes populares”, encontramos 37 resultados que apresentam relações com a nossa pesquisa.

Apesar de um resultado aparentemente alto, entre as pesquisas realizadas no Google Acadêmico com resultado máximo da pesquisa desses termos citados, selecionamos três trabalhos.

O critério de seleção foi o de priorizar aquelas pesquisas que contribuam para a investigação proposta no mestrado e que têm por objeto investigativo compreender se os saberes tradicionais das mulheres benzedeiras quilombolas têm interface com a EJA.

Dentre os trabalhos selecionados para a nossa análise mais detalhada, escolhemos o que foi produzido por Torres (2016). Esse trabalho se trata de uma monografia produzida na Licenciatura em Educação do Campo, pela Universidade de Brasília (UnB).

Esse estudo é sobre os saberes e fazeres que ainda resistem na comunidade do Kalunga Vão do Moleque, em Goiás. Tinha como objetivo reconhecer e registrar alguns saberes e fazeres tradicionais que permanecem na comunidade e relacioná-los com as práticas pedagógicas.

Trata ainda de verificar como a Educação do Campo participa desse processo e se há ações que permitem a promoção e o fortalecimento desses saberes. Torres (2016) relata que tem sido a própria comunidade quilombola a responsável pelo sustento dos moradores daquele local. Afirma que os saberes tradicionais que ainda permanecem na comunidade Kalunga Vão do Moleque são as práticas de benzimentos, o trabalho das parteiras, rezas, festas religiosas, o artesanato, os remédios caseiros com uso de plantas medicinais. Diz que essa cultura permanece e é preservada por pessoas mais velhas da comunidade, havendo uma preocupação se esses saberes serão transmitidos, uma vez que os jovens não se interessam por esses saberes tradicionais.

Segundo a autora, a Educação do Campo não se concretiza sem reconhecer a existência do campo, de sua realidade histórica e dos sujeitos que nele vivem. Nesse caso, a

implantação da Educação do Campo naquele local pôde permitir que os moradores não mais saíssem para outros municípios e assim dessem continuidade na cultura local, com as manifestações religiosas e preservando os saberes tradicionais, o que não estava acontecendo.

O segundo trabalho se trata de uma dissertação produzida no Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) em 2012. Esse estudo trata da Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas.

A pesquisadora Givânia Maria da Silva analisa a proposta de educação dessa comunidade quilombola para identificar se há uma articulação com os saberes tradicionais e as lutas do cotidiano de seus moradores, assim como se há uma interlocução entre esses saberes.

A autora verifica como a comunidade está inserida no processo de educação e como enfrenta os obstáculos que surgem, buscando identificar como a proposta de educação tem fortalecido a identidade da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas; tenta compreender como a participação da comunidade se manifesta na proposta educacional desenvolvida nesse território e ainda visa identificar se a proposta de educação pode contribuir com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Escolar Quilombola como modalidade de ensino.

Silva (2012) em seus achados verificou que a Educação Escolar Quilombola está inserida no conceito de educação quilombola desenvolvido naquele local. Ela conseguiu observar, a partir do trabalho de campo com a construção de seus conhecimentos, de que forma acontece a educação naquela localidade, quais são as questões visíveis e as questões subjetivas nessa concepção.

A pesquisadora chegou ao entendimento de que a educação escolar está desvinculada dos saberes tradicionais locais, que por vezes sugere atividades ou projetos interdisciplinares que não fazem parte do cotidiano das pessoas daquela comunidade. E como em qualquer comunidade tradicional ou local, há os saberes e conhecimentos ou demandas que exigem um diálogo com os processos de ensino escolar.

Em outro trabalho selecionado, Almeida (2016) produz um estudo do diálogo entre o conhecimento escolar e o saber popular dos ribeirinhos da Ilha do Açaí, em sua tese de Doutorado na Universidade Nove Julho, em São Paulo. Investiga como ocorre o diálogo na prática pedagógica dos professores que atuam em classes multisseriadas entre o conhecimento escolar e o saber popular das comunidades ribeirinhas da Ilha do Açaí.

A pesquisa tem como objetivo analisar o modo como o saber escolar dialoga com outros saberes de caráter popular decorrentes da diversidade cultural. O pesquisador tem como objeto saber se há e como ocorre o diálogo na prática pedagógica dos professores entre os saber popular dos ribeirinhos e os saberes escolares.

O resultado do estudo indicou que o saber popular dos ribeirinhos está relacionado com o contexto social, econômico, cultural e religioso no qual esses povos estabelecem relações de trocas materiais e simbólicas.

No que diz respeito às práticas pedagógicas, esta ocorre com predominância de práticas colonizadoras por parte de alguns professores, que priorizam a imposição do conhecimento escolar no ato do planejamento das aulas e a negação do saber popular.

Mesmo não conseguindo localizar muitas pesquisas com o foco específico nos campos de pesquisa aqui problematizados, é importante considerar os trabalhos localizados, pois contribuem de certo modo com a realização do nosso estudo. As descobertas iniciais revelam os desafios relacionados à interlocução entre os saberes tradicionais e os escolares. E mais, é preciso considerar que o ofício das benzedeadas se constituiu como forma de cuidado à saúde dessas populações, e ainda nos dias de hoje as pessoas fazem uso desses conhecimentos populares para a cura de suas enfermidades por meio da fé e carregam consigo heranças ancestrais significativas para eles e seus pares.

Nesse sentido, consideramos que as pesquisas são fundamentais para dar visibilidade aos portadores desses saberes populares e tradicionais. É importante também para práticas pedagógicas de ensino dar visibilidade aos conhecimentos locais, aos saberes populares, na lógica de trabalhar com epistemologias de ensino decolonial, de outras matrizes que não a eurocêntrica, colonizadora. Sugere-se o trabalho pedagógico com as matrizes epistemológicas indígenas e/ou africanas que estão numa lógica descolonizadora e mais próxima da realidade de vida dos educandos em diversas comunidades locais.

De forma geral, foi possível identificar a existência de poucos estudos da área relacionados à EJA, relações étnico-raciais e saberes tradicionais e populares de benzedeadas. Levando em consideração a natureza do problema que diz respeito ao estudo de saberes populares tradicionais, a abordagem qualitativa se apresenta como trato metodológico adequado, uma vez que:

as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são

focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 2).

Conforme nos diz os pesquisadores Ludke e André, a investigação de natureza qualitativa possui como característica o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e toda situação que está em análise. Os dados construídos são muito ricos em descrição de situações, comportamentos e fatos históricos. O interesse do pesquisador na investigação do problema é verificar como ele se manifesta nas atividades e interações no cotidiano, além de buscar compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes da pesquisa.

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido na exploração, seleção e definição de problemas, com a escolha do lugar onde realizaríamos os estudos e o estabelecimento de contatos para a entrada em campo.

Selecionamos os conhecimentos necessários para compreender e interpretar o fenômeno estudado; a explicação da realidade, ou a tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e situar as várias descobertas num contexto mais amplo.

O estudo de caso tem um campo de trabalho mais específico, delimitado e de contornos definidos. Todavia, diante da atual situação que estamos vivenciando (pandemia covid-19), realizamos parte das entrevistas utilizando os recursos de comunicação e informação.

O fato de o pesquisador conhecer a comunidade do Quilombo da Irmandade N. Sra. do Rosário de Justinópolis desde o ano de 2004, suas lideranças e grande parte dos seus membros, tendo em vista mitigar possíveis consequências de riscos em relação à transmissão da covid-19, foi priorizada a videoconferência, através da plataforma WhatsApp.

Durante o período de isolamento social, a preservação e o respeito à vida necessitam de serem observados. Nesse caso, respeitando as diretrizes de pesquisa nacional emitidas pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), divulgadas no dia 09 de maio de 2020, ponderamos que a realização das entrevistas no formato *on-line* se apresentava como um recurso possível para alcançar os propósitos de pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas com as três mulheres benzedeiras interlocutoras foram gravadas (áudio e vídeo) e transcritas. Posteriormente, as transcrições foram submetidas à apreciação das sujeitas no sentido de corroborar, modificar e acrescentar suas percepções.

Tabela 2 – Perfil das benzedadeiras da Irmandade N. Sra. do Rosário de Justinópolis

	Benedeira Chica	Benedeira Zinha	Benedeira Zana
Idade	86 anos	69 anos	46 anos
Escolaridade	2º grau completo	Fundamental incompleto	Médio incompleto
Mora na comunidade	Não	Sim	Sim
Cor/Raça	Negra	Negra	Negra
Casou-se (idade)	16 anos	19 anos	21 anos
Nº de filhos	05	05	02
Nº de netos	09	10	Não tem

Fonte: Elaboração do autor.

Após a construção de conhecimentos e apreciação das entrevistas pelas sujeitas de pesquisa, o conteúdo transcrito foi avaliado por meio de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2010), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens. Bardin afirma que a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

Na análise qualitativa, é a presença ou a ausência de uma característica de conteúdo ou de conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração (BARDIN, 2010).

Nas categorias analíticas selecionadas, priorizamos a perspectiva de história de vida dessas sujeitas, porque interessava-nos perceber a maneira que os seus saberes são transmitidos por meio da oralidade às novas gerações e como eles se relacionam com as práticas educativas da EJA.

Por fim, os procedimentos metodológicos adotados foram submetidos à aprovação do Conselho de Ética da UFMG no sentido de salvaguardar os princípios social, ético e político ao produzir conhecimento científico de pesquisa.

1.3 Saberes, benzeção e comunidade quilombola: primeiras aproximações

A definição de saberes utilizada no trabalho é inspirada a partir das contribuições de Jacob (2012), que os consideram como um conjunto de procedimentos pelos quais os membros de um grupo, uma comunidade ou de uma sociedade dão sentido ao mundo, suas relações com o mundo, as dimensões físicas, espirituais, as coisas visíveis e invisíveis, ao tempo e ao espaço, todas as dimensões. O autor pondera ainda que: “não há saberes sem dinâmicas, sem sequências de operações, sem construção ou apropriação” (JACOB, 2012, p. 219).

Para ele, situamo-nos num campo mais amplo do que o das ciências, esse campo estende-se aos diferentes saberes humanos, às humanidades, às técnicas, à espiritualidade e às próprias ciências. Ele propõe se distanciar de uma noção limitada, hierárquica e disciplinar da ciência para abranger uma orientação histórico-antropológica do conhecimento humano.

Destaca ainda diferentes práticas de produção social do conhecimento, como operações de produção e divulgação de conhecimento, como formas particulares de organização social do espaço, das instituições e das comunidades; e como formas de comprovação social do conhecimento e seus consecutivos modelos que surgem dessas práticas.

Os saberes populares e tradicionais são uma das características da sociedade brasileira apontada por estudiosos como sendo destaque da relação dos indivíduos com o “outro mundo”. São traços característicos desde a colonização ou até mesmo antes dela, a singularidade com os espíritos, guias, entidades, almas, orixás que transitam com muita naturalidade nesse território chamado Brasil.

É local das altas rezas, da diversidade das expressões de fé e de muito sincretismo religioso. É nesse mundo “encantado” que se manifestam, dentre outros atores, as benzedeadas, que se relacionam com o outro mundo. São consideradas pessoas especiais, dotadas de poderes superiores, que auxiliam as pessoas com suas preces e rezas a se conectarem com o meio ambiente, a nossa casa, a Terra.

As benzedeadas fazem isso através de uma linguagem que elas aprenderam com seus ancestrais e usando as palavras são capazes de acionar e dinamizar as forças espirituais de harmonia e pacificação. Para as benzedeadas, a palavra guarda um mistério e através dela elas são capazes de reorganizar o mundo e lhe conferir um certo sentido. O segredo está na confiança depositada na palavra.

As pessoas que são portadoras da palavra são reconhecidas em suas comunidades e são dotadas de um dom especial, são capazes de expressar a memória comunitária, onde cada palavra tem seu lugar definido no mundo sagrado daqueles que ali vivem.

Diferentemente de outras experiências de cura, a prática da benzeção rompe com a lógica do capitalismo, do mercado, em que tudo se compra ou se vende. A benzeção é gratuita, e para as pessoas dessas comunidades a justificativa é “dar de graça o que se recebe de graça”. Acreditam fielmente que o portador da cura é Deus e a benzedeira é a pessoa intermediária.

No contexto permeado pelo pensamento eurocentrado em que se apostava sobre o processo de *secularização do mundo*, o saber de benzeção resiste e permanece vivo no seio das comunidades. Nessa direção, ele também se articula com uma perspectiva da vida democrática, tendo em vista que:

A benzeção é veiculada por meio de um profundo respeito pela vida, de uma forte valorização da solidariedade, da defesa da ecologia ao recuperar as plantas saudáveis para reproduzir curas e pela proximidade nas longas e calorosas conversas. Com o partilhar dessas experiências, ela multiplica e democratiza o seu saber. [...] A benzeção [...] é marcada pela sensibilidade, imaginação, criatividade, versatilidade, calor humano, recriados de dentro da benzedeira para os da classe social (OLIVEIRA, 1985, p. 99-100).

As benzedeadas trazem consigo a função de manter o equilíbrio do homem e do mundo. Ainda que em seus rituais receitem ervas e chás de plantas medicinais como medidas complementares, a cura se dá através da palavra. Nas benzeções, os ensalmos⁶ têm como suporte a oralidade. Em diferentes grupos sociais, os seres humanos, desde os primórdios, manifestaram desejo de se relacionarem com o sagrado. Dessa forma, criaram canais de comunicação entre os homens e os deuses usando para isso as palavras.

Podemos sintetizar aqui o significado de benzeção: é uma linguagem orogestual com a qual as pessoas investidas de poder de cura controlam as diversas forças que contrariam a harmonia na vida dos homens. Nesse sentido, as benzedeadas são muito respeitadas e admiradas nas comunidades pelos seus pares.

Na comunidade investigada, o papel desempenhado por essas mulheres é extremamente relevante na organização social, pois, afinal, elas são reconhecidas por saberes dos quais são portadoras e que foram passados por gerações anteriores. Essa característica nos remete à ancestralidade africana, bem como ao entendimento do tipo de organização de

⁶ Substantivo masculino. Conjunto de orações e benzeduras com que se pretende curar uma doença.

caráter matriarcal, em que as mulheres exercem papéis sociais significativos e muito importantes para determinado grupo de pessoas que lá se estabelecem.

Figura 2 – Sede do Quilombo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Acervo de Pesquisa. Disponível em: <http://www.ribeiraodasneves.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/130o-festa-em-honra-a-nossa-senhora-do-rosario/7660>.

Na comunidade da Irmandade do Quilombo Urbano de N. Sra. do Rosário de Justinópolis, as decisões são tomadas internamente e são coletivas, através de reuniões em que a presença de todos é solicitada e os problemas e as organizações dos festejos são debatidos e acordados.

Como toda organização e instituição formal, a Irmandade quilombola possui uma organização hierárquica oficial, de ordem jurídica, e outra organização interna, “não oficial”, onde os cargos de lideranças são estabelecidos através de uma relação que respeita a sabedoria, o conhecimento adquirido e o papel social que os membros mais experientes ocupam.

Como nas comunidades tradicionais, “antiguidade é posto”, apesar de alguns membros exercerem lideranças desde mais novos por causa dos interesses e determinações que demonstram no desejo de eternizar os costumes praticados na comunidade.

Estabelecida em Justinópolis, a Irmandade construiu a sua própria igreja, feita em adobe, no ano de 1924. A partir de então, as manifestações religiosas passaram a ser realizadas no local. A igreja passou recentemente por uma grande reforma, realizada solidariamente por toda a comunidade da Irmandade do Rosário.

O Quilombo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis tem funcionado como polo cultural da cidade, mobilizando multidões por ocasião de suas festas anuais: São Sebastião, em janeiro; São Benedito, em maio; e a grandiosa festa da padroeira Nossa Senhora do Rosário, no último domingo de outubro.

Com estrutura e organização sólidas, a Irmandade de Justinópolis mantém hoje várias e diferentes manifestações e tradições.

Figura 3 – Manifestação cultural no Quilombo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Acervo de Pesquisa. Mapas Culturais. Quilombo da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Justinópolis, Ribeirão das Neves/MG. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/agente/852/>.

O termo Quilombo no Brasil, no ano de 1740, tem sua primeira acepção em uma carta remetida ao rei de Portugal D. João V, pelo Conselho Ultramarino, conforme remonta as origens desse conceito. Naquele período, eram considerados quilombos “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (MOURA, 1993, p. 11).

Possuindo origens diversificadas, essa noção de quilombo está longe de ser simplesmente uma ocupação de terras por escravizados fugidos do regime de escravidão para constituírem outras formas de vida social, com proteção e laços de irmandade.

De múltiplas origens, os quilombos ainda foram reconhecidos como terras de preto, de santo ou santíssima, que indicam ser originárias de propriedades de grandes ordens religiosas em troca de pagamento de serviços, doação a santos e herança. Outros quilombos se formaram por inúmeras ocupações de coletivos de negros expulsos das fazendas pós-abolição.

Por mais de dois séculos essa concepção esteve presente nas práticas discursivas, influenciando os pesquisadores acerca dessa temática dos quilombos até meados da década de 1970 aproximadamente.

Após várias lutas de movimentos sociais negros, denunciando, exercendo militância, combatendo a discriminação e o racismo, há uma articulação para construir uma legislação que dê proteção às comunidades quilombolas em todo território nacional.

Atualmente, as comunidades quilombolas são compreendidas por grupos étnico-raciais em sua maioria, mantendo relações territoriais específicas, trazendo consigo laços de ancestralidade negra ligados a um passado de resistência à opressão.

Na comunidade Quilombola da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis encontram-se vários sujeitos com conhecimentos herdados de seus antepassados, detentores dos diversos saberes tradicionais, entre os quais o de curar enfermidades através das rezas e bênçãos – “as benzedeiras”, que, junto com outras pessoas, fazem uso de várias raízes e ervas medicinais no tratamento de diversas enfermidades.

Sujeitos dessa comunidade e imediações convivem com esses saberes tradicionais e alguns frequentam a escola pública na EJA.

Pela prática no magistério, lecionando há vários anos para alguns educandos dessa comunidade e adjacência, é perceptível entre os alunos, principalmente da EJA, os conflitos entre esses saberes tradicionais e os saberes escolares.

Hoje, a comunidade da Irmandade agrega aproximadamente trezentas pessoas, entre os membros oficiais da Irmandade, quilombolas e colaboradores. Ao longo desses 129 anos, mantém uma relação de admiração, respeito, mas também de preconceito com os moradores de seu entorno e do município.

Entre as várias tradições de saberes herdados de antepassados na Irmandade está a prática das benzeções para cura de enfermidades.

Nos dias de hoje, são mais raras, visto que o conhecimento científico impõe como válido o tratamento para cura de enfermidades a procura por consultas em postos de saúde, hospitais e o uso de medicamentos farmacêuticos. Aqueles que são considerados medicamentos cientificamente testados e produzidos em laboratórios conceituados e cientificamente reconhecidos.

Importante dedicar-se à busca pelos saberes populares e tradicionais que ainda resistem em áreas urbanas e industriais, uma vez que, na atualidade, nas grandes cidades, a presença dos postos de saúde, com médicos, e as farmácias, com seus medicamentos, se contrapõem aos tratamentos alternativos que eram e mesmo nos dias de hoje são realizados pelas benzedeadas com suas orações e com o uso de plantas medicinais.

Nos dias atuais, esses saberes tradicionais e populares encontram dificuldades de se perpetuarem, principalmente por parte da população mais jovem. Nos modos de vida contemporâneos, o atendimento à saúde se dá em postos municipais ou hospitalares. O pouco reconhecimento e valorização desse público pode colocar em questionamento a continuidade da transmissão desses saberes às próximas gerações.

Diante do exposto, procuramos identificar, em nosso estudo, se esses saberes populares e tradicionais estão sendo transmitidos para as novas gerações. E mais, se eles se articulam com as práticas educativas da EJA.

1.4 Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos, com introdução e considerações finais. No Capítulo 2, discutimos uma abordagem sobre os conceitos de benzeção, bem como dialogamos com estudos realizados com benzedeadas em outras comunidades quilombolas no Brasil.

No Capítulo 3, verifica-se se há uma interlocução desses saberes tradicionais com a educação formal na EJA. Dialogamos ainda sobre as relações étnico-raciais e a importância das mulheres detentoras desses saberes.

A ideia é averiguar se há relação entre o que as pessoas aprendem nas comunidades e o que é ensinado na EJA, se há uma sincronia entre a escola (educação formal) e as comunidades do entorno (educação popular negra).

No Capítulo 4, refletimos acerca de resistência do trabalho das benzedeadas junto ao quilombo urbano da Irmandade em relação a sua luta diária para manter vivos as suas tradições, seus saberes e, sobretudo, a sua autoafirmação.

Nas considerações finais, destacamos a necessidade em relação à produção de conhecimentos que priorizem o enfoque na articulação entre EJA, saberes tradicionais e a ERER.

2 OS SABERES TRADICIONAIS E A EJA: AS CONTRIBUIÇÕES DOS SABERES DA EXPERIÊNCIA NA TAREFA DE EDUCAR JOVENS, ADULTOS E IDOSOS

Inclusive quando eu tinha 09 anos eu tive um sonho, não um sonho, foi um aviso, eu estava lavando vasilhas eu vim chorando e falei para minha mãe assim: meu padrinho morreu, ele morreu. Ela me bateu muito. E disse: que conversa é essa menina? Acabei de falar [apareceu] esses tropeiros, aquele tipo caipira mesmo, chegou e falou: Oh Dona Maria, arranja um lençol aí para nós, o Chiquito caiu de uma ponte e deve estar muito ruim, nós estamos levando-o para a cidade de Belo Horizonte, acho que não vai escapar. (Chica⁷, benzedeira e parteira, quilombola, 2020).

2.1 Saberes tradicionais: as sujeitas, seus ofícios e plantas de usos medicinais

Os saberes tradicionais se organizam a partir de outras lógicas que não a científica. Eles, no caso específico das benzedeadas, estão relacionados à fé, à crença, e as pessoas que creem neles vivem com base nas verdades que eles transmitem.

Os saberes tradicionais e populares se realizam por meio de práticas e experiências que se encontram enraizadas de maneira profunda em suas vidas, nas relações comunitárias estabelecidas, entre outros.

A relação entre ser e natureza não se dá de maneira apartada como se verifica historicamente no conhecimento científico. Pelo contrário. A conexão entre saberes ancestrais que foram transmitidos de geração em geração busca integrar Natureza (pessoas, terra, água, plantas, animais), aos seres inanimados espíritos, por exemplo. A realização da vida acontece, portanto, integrada em sua plenitude.

Eu tive um aviso e a partir daí eu falava umas coisas assim..., mas aí comecei a rezar e com uns raminhos, de arruda de guiné de alecrim e as pessoas melhoravam (Chica, benzedeira e parteira quilombola, 2020).

Observamos a realização e o uso desses saberes tradicionais em vários lugares e comunidades. No caso específico desta pesquisa, conseguimos constatar o uso de muitos desses saberes nos exemplos de vida, no cotidiano da comunidade do quilombo urbano da Irmandade N. Sra. do Rosário, ou seja, nos ofícios das benzedeadas da Irmandade, como são as relações e as experiências que elas exercem nas práticas de seus ofícios.

⁷ Por motivos éticos de pesquisa, os nomes utilizados são fictícios.

Ainda hoje, em que o conhecimento da medicina se encontra em estágio avançado, o lugar de respeito e reconhecimento dos saberes tradicionais das benzedeiras é reconhecido e valorizado pela comunidade.

Isso se dá em grande parte devido ao conhecimento que essas mulheres possuem de ervas e raízes de plantas medicinais. E mais, as suas crenças, religiosidade e fé são basilares no que concerne ao lugar de legitimidade desses saberes, como relata uma das lideranças do quilombo:

É assim essa coisa de quebranto, mau-olhado, às vezes, quem olhou não olhou com o olho clínico do mau-olhado, olhou admirando, mas como ele é muito pequeno, no caso aqui meu neto tem apenas três aninhos de idade, então, ele já é congadeiro, as pessoas ficam assim olhando com aquele encantamento, quando é no dia seguinte às apresentações, ou na terça-feira, o menino está aquele menino chorão, não quer alimentar, aí cê leva para benzer e aí ele se reestabelece. (Dico, líder do quilombo, em entrevista concedida em 2020).

Há relação com o sagrado por meio de lógicas próprias que não a científica. Nem por isso, portanto, significa que elas são menos importantes, ou que elas não são reconhecidas e legitimadas na e pela comunidade.

Igual eu falei, a partir de 7 anos aprendi um pouquinho, eu ia observando as pessoas, as orações eu ouvia e ia decorando. Minha avó falou que ia deixar para mim um patoá, ela disse “você não vai abrir, mas, eu vou falar as palavras, você vai escutar e aprender para benzer as pessoas.” Aí eu fui aprendendo e estudando mais, rezando as orações, com dezessete anos fui rainha do Rosário em Esmeraldas. (Chica, benzedeira e parteira, quilombola, 2020).

Para as benzedeiras, as bênçãos e suas rezas consistem em um ato para curar as pessoas. A cura é uma das múltiplas atividades da humanidade que podem ser consideradas muito significativas, por representar a capacidade de superação de uma adversidade, alguma doença do corpo, da mente ou até mesmo da alma.

A relação com o outro mundo é, segundo vários estudiosos, um dos traços característicos também da sociedade brasileira. A aproximação com entidades, espíritos, guias, almas, são comuns, e há uma comunicação até certo ponto naturalizada em certos meios. São manifestações culturais já internalizadas em nossa sociedade.

As benzedeiras são pessoas muito importantes e reconhecidas principalmente em suas comunidades, portadoras de saberes que, com suas preces e orações, contribuem para manter o equilíbrio dos indivíduos com o ambiente. São possuidoras de uma linguagem que cura e através da palavra promovem forças capazes de acionar a harmonia e a pacificação.

Lévi-Strauss (1975), em seus escritos *O feitiço e sua magia*, diz que há eficiência na prática de cura realizada nos rituais, pois não há que se duvidar da aplicabilidade da magia, porém percebe-se que a eficiência de certas práticas resulta em acreditar na magia, que se apresenta sob os seguintes aspectos: a crença do feiticeiro em suas técnicas; a crença do doente que ele trata, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo da gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aquele que enfeitiça (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 182).

Em nosso estudo, observamos que esses aspectos são parte do processo dos saberes populares e tradicionais praticados entre as pessoas da comunidade quilombola, “a crença daquele que se propõe a curar”, “a crença daquele indivíduo que busca a cura” e o “significado desse processo para aqueles que pertencem a essa comunidade”.

As benzedeadas acreditam em seu ofício de benzer, as pessoas que as procuram acreditam que serão curadas e o grupo pertencente àquela comunidade sanciona essas práticas da benzeção. A força da crença coletiva é capaz de construir verdades inteiramente assimiladas subjetivamente (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 182).

As crenças, os costumes, tradições e saberes de um povo são firmados por razões inconscientes justificadas por aqueles que os praticam. As validações dos saberes são características dos membros dessas comunidades, afirmadas através dos vínculos que as mantêm desde seus antepassados.

Os rituais de cura através da benzeção nas comunidades quilombolas são vividos, experimentados e partilhados pelo grupo afirmado em suas crenças culturais ligadas às suas tradições, e, conforme afirma Lévi-Strauss (1975), não existe razão para duvidar dessas práticas mágicas. O resultado da cura pelo benzimento está inteiramente ligado à cultura e à crença de seu grupo, expressa em sua linguagem própria.

Nas benzeções, os gestos e as palavras proferidas nas orações são acompanhados da certeza e experiências das benzedeadas de que isso será suficiente para a cura desses corpos, mentes e almas doentes.

Aguiar (2009) considera, a esse respeito, que a eficácia simbólica, tanto para as benzedeadas, que realizam a prática das benzeções, quanto para as pessoas que as procuram, é uma garantia do reestabelecimento da saúde desse corpo.

Desde já esclarecemos que não é de interesse desta investigação confrontar por meio de métodos científicos, medir, avaliar, testar se as práticas de cura são reais ou não, mas sim investigar que, mesmo com tentativas constantes de “desencantamento do mundo” por meio

da secularização e consolidação da realidade tecnocientífica, os saberes tradicionais e populares permanecem coexistindo com a medicina formal.

2.2 Benzedeira Chica

Dona Chica (benzedeira), nascida em Ribeirão das Neves no ano de 1933, casou-se aos dezesseis anos, mãe de cinco filhos, avó de nove netos e bisavó de cinco bisnetos. Aprendeu com a sua avó e sua tia o ofício de parteira e começou a exercê-lo logo na adolescência. Tornou-se parteira conhecida e aos 19 anos teve a oportunidade de se profissionalizar na Escola de Enfermagem Hugo Werneck, da Santa Casa de Misericórdia em Belo Horizonte.

Minha experiência na escola foi boa demais, porque o que hoje fala que é ginásio, esse grau maior aí, a gente fazia no terceiro ano, a gente aprendia. Tanto que eu competi com alunas nessa prova que eu fiz de enfermagem, no curso eu fui a oradora da turma na formatura, formei na Escola de Enfermagem Hugo Werneck. (chica, benzedeira e parteira quilombola, 2020).

A Escola de Enfermagem Hugo Werneck foi fundada no ano de 1942 na gestão do então provedor José Maria Alkmim. No início, oferecia o curso de auxiliar de enfermagem, que em 1945 foi transformado em uma capacitação de nível superior e após três anos o funcionamento foi autorizado pelo Ministério da Educação. Em 1968, a escola foi transferida para a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

A partir do ano de 1971, a referida instituição passou a oferecer o curso de atendente de enfermagem para formação de mão de obra. Durante quinze anos formando profissionais de saúde, foi extinta em 1986. Em 1992, a Secretaria de Estado de Educação (SEE/MG) autorizou o funcionamento do curso de auxiliar de enfermagem. Hoje, a escola possui dezessete turmas, com mais de 700 alunos nos cursos de técnico de enfermagem, estética e segurança do trabalho.

Figura 4 – Escola de Enfermagem Hugo Werneck (PUC Minas)



Fonte: Disponível em: <http://faculdaDESantacasabh.org.br/quem-somos/>.

A benzedeira Chica trabalhou na maternidade Hilda Brandão e na Santa Casa de Misericórdia por 28 anos. E por mais de 30 anos exerceu a profissão de enfermeira em jornada dupla, em várias maternidades de Belo Horizonte. Atendia em domicílio as gestantes em Ribeirão das Neves, Justinópolis e Contagem sempre que era solicitada.

Chica, além de benzedeira, é Rainha Perpétua de Nossa Senhora das Graças do Quilombo Irmandade N. Sra. do Rosário de Justinópolis, irmandade esta fundada há 130 anos pelos seus avós e tios.

Na Figura 5, podemos observar um momento em que a comunidade manifesta sua crença e participa ativamente de uma procissão⁸ em homenagem a N. Sra. do Rosário. É uma forma de reconhecer, homenagear ou agradecer esta santa, que é padroeira da Irmandade.

⁸ É um cortejo religioso realizado em marcha solene, normalmente pelas ruas de uma cidade e carregando imagens e entoando rezas ou cânticos religiosos.

Figura 5 – Região das proximidades do Quilombo N. Sra. do Rosário de Justinópolis



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=906566269407359&set=g.521210904634135>.

Em vários momentos durante o ano há diversas manifestações religiosas na comunidade

2.3 Benzedeira Zinha

Nascida no ano de 1951 e criada em Justinópolis na cidade de Ribeirão das Neves, onde reside até os dias atuais, Zinha casou-se aos 19 anos, é mãe de cinco filhos, avó de 10 netos. Aprendeu o ofício de benzedeira com a sua avó e sua mãe e começou a exercê-lo por necessidade.

Segundo ela, naquele tempo, às vezes precisavam de alguém para benzer as crianças e não tinha ninguém ali por perto naquela hora. “Das filhas da minha mãe somente eu interessei por esse ofício, nós erámos onze filhos. Eu ficava observando e minha mãe e minha avó me ensinou as palavras”.

A benzedeira Zinha é muito conhecida na comunidade. Além de viver toda sua vida neste local, é cozinheira, fazendo marmita e vendendo para pessoas que trabalham e vivem nas proximidades. Segundo ela, muitas coisas mudaram na Irmandade desde quando ela era criança. Ela fala que antes eram os antigos que sabiam todos os conhecimentos, hoje em dia já não é mais assim.

Zinha percebe ainda que, há muitos anos, as festas na Irmandade tinham mais significado para as pessoas, vinha gente de longe, a cavalo. Hoje em dia, as festas não são mais as mesmas, as pessoas já não participam tanto.

2.4 Benzedeira Zana

O interesse pelas tradições e conhecimentos populares de Zana vem desde criança, sobretudo por meio de observações e vivências. Casou-se com 21 anos e tem dois filhos. Mora na comunidade da Irmandade do Quilombo urbano de N. Sra. do Rosário desde criança, nasceu ali e continua exercendo a função de dar continuidade aos costumes e tradições herdadas de seus antepassados.

Toda vez que minha mãe ia benzer eu estava olhando. Naquela época eu tinha quinze anos, desde pequena eu interessava pela benzeção. De todos os filhos somente eu é que aprendi. Desde que eu me entendo por gente, desde criança a gente morava do lado da Igreja do Congado, a gente via as festas do Congado, via o Congado bater... (Zana, benzedeira quilombola, 2020)

A Guarda de Moçambique do Congado, naquele tempo, tinha somente a guarda masculina. Então, o Capitão da Guarda, Zezé, a chamou junto com outras moças para participarem e fundarem a guarda feminina. A partir daí ela começou a participar da Guarda da Irmandade.

Com o passar do tempo, para ela, aconteceram muitas mudanças na comunidade. Aconteceram coisas boas e ruins, de acordo com a sua percepção. A tradição do Congado, por exemplo, ela considera que antigamente era melhor do que hoje em dia. Pondera que era um Congado com muita inocência.

Em outras palavras, as pessoas que participavam eram mais inocentes, sem maldades ou segundas intenções. Para ela, as pessoas davam mais valor, o envolvimento com aqueles saberes tinha um significado muito grande em suas vidas, hoje isso parece não acontecer.

Segundo Zana, o progresso afastou as pessoas um pouco das tradições e do envolvimento com as heranças ancestrais de seu povo. Para ela, a facilidade em comprar medicamentos, por exemplo, em farmácias, faz com que muitas pessoas não procurem as benzedeadas como antigamente.

Ela diz que somente aqueles que têm muita fé e acreditam no poder divino ainda continuam procurando as benzedeadas, ou se as pessoas procuram médicos e medicamentos e ainda não conseguem cura para suas doenças, nesse caso, costumam procurar outro tipo de ajuda, às vezes as benzedeadas.

Segundo a sua percepção, naquele tempo, para as pessoas que viveram na comunidade da Irmandade, tudo estava bom. Hoje, não! Hoje as meninas do Congado, por exemplo, parece que querem se mostrar.

Segundo ela, as pessoas não vão por amor a N. Sra. do Rosário, vão para poder se mostrar. A intenção das pessoas é outra, para Zana não há aquele envolvimento que as pessoas tinham, para as pessoas, “naquele tempo”, cada cantiga que aprendiam era uma novidade, tudo era feito com muita dedicação e respeito.

As fardas eram simples, mas para poder adquirir aquelas roupas era muito difícil, porque antigamente tudo era feito com muito sacrifício e muitas vezes não era apenas uma pessoa na casa que era dançante.

Segundo Zana, na sua casa eram ela e sua irmã. Após o falecimento de sua avó, a tia foi morar com sua família, e ela também participava da Guarda do Congado. Então, eram três fardas que os pais dela tinham que pagar. Por isso aprenderam a dar valor, tudo era com muita dificuldade.

2.5 Saberes tradicionais: um legado histórico a ser preservado

Aproximar-se dos saberes tradicionais produzidos nas comunidades locais se revela como uma experiência instigante de ser investigada.

Afinal, as detentoras desses saberes, assim como nas salas de aulas ou laboratórios de pesquisa, fazem experiências diversas. Por exemplo, em suas comunidades selecionam sementes mais resistentes para plantio; ou no campo observam o comportamento de animais silvestres; tipos de matas em que são encontrados os diferentes animais caçados ou as plantas

que curam; as épocas propícias de plantio. Fazem, nesse sentido, de suas comunidades, verdadeiras experiências vivas.

O que há de comum entre os saberes tradicionais e os saberes científicos: ambos presumem verdades culturais sobre as quais se firmam. Na ciência, os saberes são pressupostos científicos, aquilo do qual se parte para erigir todo o resto. No caso dos saberes tradicionais, podemos falar em pressupostos culturais.

Pesquisar os saberes e fazeres dessas pessoas e reconhecê-las como sujeitos é essencial e legítimo para tentar diminuir as injustiças, as desigualdades e preconceitos que fazem parte do cotidiano delas.

Dialogar com essas mulheres significa a possibilidade de tomar conhecimento da maneira como elas constroem suas histórias de vida a partir do seu ofício de benzedeira. A esse respeito, a presença da benzedeira é muito antiga no Brasil.

Essa atividade advém desde o período colonial, tendo a sua origem na cultura africana, indígena e europeia.

Souza (1986) analisa as práticas de saberes mágicos, feitiçarias e a religiosidade popular no Brasil Colônia entre os séculos XVI, XVII e XVIII. A autora reconstrói as características específicas da religiosidade popular que se desenvolveu no Brasil no início da colonização e considera como “sincretismo religioso” as práticas de tradições indígenas, europeias e africanas.

Para Souza (1986), os saberes e práticas religiosas da população colonial foram resultado da experiência entre os vários componentes:

Sua especificidade residia na convivência e interpretação de populações de procedências várias e credos diversos. Múltiplas tradições culturais desaguavam, assim, na feitiçaria e na religiosidade popular. Dar conta dessa complexidade significava compreendê-la como o lugar em que se cruzavam e reelaboravam níveis culturais múltiplos, agentes de um longo processo de sincretização. (SOUZA, 1986, p. 17).

Dessa forma, é dentro desse contexto que esses saberes populares de religiosidades e curas se estruturaram; vindos da Europa, no processo colonizado, estabeleceram-se em terras brasileiras.

A colonização e a constituição da mentalidade europeia do século XVI, fundamentada na concepção de paraíso e inferno, conceito introduzido pela Igreja Católica no século XIII, contribuíram muito para uma punição de tais práticas.

Entretanto, Souza diz que a realização das práticas de benzeção e curandeirismo no Brasil têm a ver muito mais com as influências indígenas e africanas do que com as tradições europeias.

Essa ocorrência pode ser atribuída à aproximação que os europeus herdaram dos mecanismos institucionalizados desenvolvidos pelo Estado, que vigiavam e exerciam a coerção, aplicando a ordem. No Brasil Colônia essas práticas sofriam sanções rigorosas.

Apesar das sanções que esses grupos sofriam, alguns conseguiram preservar sua organização tradicional, procurando o afastamento dos núcleos coloniais. Souza (1986) afirma que há relação dos antepassados dos grupos que se encontraram no Brasil e as contribuições ao desenvolvimento dos saberes tradicionais de cura relacionadas a processos de magia e religiosos, destacando que:

Africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos rituais específicos a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu da medicina popular. Houve curandeiros europeus, mas em número muito inferior. (SOUZA, 1986, p. 166).

O ofício das benzedeadas compreende rezas e bênçãos de curas e uso de plantas medicinais para cura do corpo e da alma. Essas práticas e algumas representações associadas às curas de enfermidades possuem caráter cultural e histórico. No Brasil, ocorreu a junção das formas de curas praticadas pelos nativos com as formas trazidas pelos africanos e europeus.

Surgiu assim uma confluência de práticas, não tendo sido pacífica a relação entre os curandeiros, as parteiras, as benzedeadas e aqueles que eram reconhecidos como representantes dos saberes oficiais da medicina. Assim, ao longo da história do país, os diversos agentes de cura disputaram a aceitação dos povos nas diversas comunidades.

Considerando-se a permanência e a aceitação da medicina popular⁹ em contraposição à medicina científica, pode-se observar múltiplos pareceres em cada cultura ou país. Por exemplo, a medicina baseada em evidências (MBE) – denominada assim em Portugal – é um movimento médico que se baseia na aplicação do método científico a toda a prática médica, especialmente àquelas tradicionalmente estabelecidas que ainda não foram submetidas ao escrutínio sistemático científico. Evidências significa experimentações, provas científicas e a aplicação em prática de tais metodologias.

⁹ A expressão medicina popular refere-se à cura com práticas e ideias de um segmento da população, transmitidas informalmente. Geralmente, a medicina popular é procurada por pessoas que procuram meios terapêuticos alternativos à medicina oficial, isto é, que não querem ingerir os habituais remédios farmacêuticos, apesar de muitos desses remédios serem feitos a partir das mesmas plantas e/ou ervas medicinais da medicina popular.

As benzedeadas são mulheres que realizam as rezas, as benzeduras. Esse termo compreende grande repertório simbólico e material bastante abrangente. Para realizar essa prática, as benzedeadas buscam conhecimentos sincréticos, envolvendo o catolicismo imposto pelos portugueses, fazendo o uso de “súplicas e rezas”, usam saberes vindos da África com os escravizados, fazendo usos de amuletos talismãs e ainda o uso de plantas medicinais da flora brasileira, usadas pelos indígenas, conforme nos relata a benzedeadas Zinha;

Eu tenho o hábito de receitar um chazinho, mas para o menino não tinha coisa melhor. A mãe até comprou uma muda da planta porque todo dia a criança quer tomar o chá. Não faz mal porque é erva natural Levante¹⁰. (Zinha benzedeadas quilombola, 2020).

Na mesma direção, Mary Del Priore (2007) destaca que no período colonial, devido à falta do profissional médico, as mulheres recorriam às curas informais por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, para restabelecer a saúde.

Além desses conhecimentos, “havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e as cerimônias indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira”. E que “conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeadas, com suas palavras mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas” (DEL PRIORE, 2007, p. 89).

A comunidade quilombola de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis se constitui como produtora dos fazeres e saberes, o local, a construção cultural que acontece nas relações estabelecidas pelas pessoas que ali se encontram.

O local pode ser entendido como uma construção social e se ampara nas relações sociais diretas, no cotidiano e na articulação entre a cooperação e o conflito.

É muito significativo apreender o lugar como local dos acontecimentos e como depositário final dos eventos. “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2005, p. 161).

Em sua obra *O que é benzeção*, Elda Rizo de Oliveira refere-se à imagem que se tem das benzedeadas da seguinte maneira:

Geralmente é a de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeadas. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da

¹⁰ Propriedades do Levante. A planta possui várias propriedades medicinais, tais como calmante, antiespasmódica e antelmíntica.

religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular. (OLIVEIRA, 1985, p. 25).

Diante dos processos de modernização, os saberes tradicionais e populares relacionados às “benzedeadas” têm se afirmado enquanto uma experiência comunitária reconhecida inclusive pelo grupo local. Porém, o processo de transmissão, legitimação e reconhecimento também se segue. É do ponto de vista da dinamicidade entre a resistência desses saberes que nos parece instigante realizar essa investigação.

No estudo realizado na Ilha da Magia em Florianópolis/SC por Siuda-Ambroziak (2018) sobre os saberes das benzedeadas, as informações foram extraídas por meio de conversas com as benzedeadas e familiares próximos sobre a prática da benzedeadas e em quais condições elas exercem esse ofício e se há transmissão desses saberes para as novas gerações.

Percebe-se que apesar de acreditarem nos dons divinos das benzedeadas, os jovens não se interessam em apreender o ofício e diante da idade mais avançadas das detentoras desses saberes, há uma preocupação sobre a extinção desses saberes.

Segundo a autora da pesquisa, a benzedeadas é uma prática muito antiga e geralmente repassada de geração para geração, mas, segundo ela, nessa localidade o ofício é exercido por mulheres idosas que enfrentam uma ruptura na transmissão devido às aparentes mudanças socioculturais e socioeconômicas, e a não acharem quem queira aprender o ofício de benzedeadas para substituí-las. Por esses motivos tais saberes estão em vias de extinção.

Siuda-Ambroziak (2018) conclui que tudo que vivenciamos de forma individual ou coletiva, e neste caso os saberes das benzedeadas, é suscetível de ser manifestado através de narrativas motivadas pelo desejo de compartilhar as histórias e informações. O que pode ajudar a construir e preservar práticas culturais imateriais produzidas pela humanidade.

A pesquisadora aponta problemas para sua transmissibilidade. Afinal, com as mudanças socioculturais rápidas e o envelhecimento das benzedeadas sem achar alguém interessado em aprender seus saberes, experiências e conhecimentos apontam um fim iminente para o fenômeno estudado nessa localidade de Florianópolis. Os relatos orais mostraram que as benzedeadas, por mais que sejam rejeitadas por possíveis “herdeiras”, continua tendo importância para a construção de identidade delas, pois o sentido de ser alguém precisa apoiar-se em referências específicas, seja pela memória, seja pelos ritos.

Os saberes advindos de outras matrizes, no caso desse estudo, africano e indígena, são parte da construção da história do nosso país. É preocupante, contudo, tomar conhecimento de que dadas as condições socioeconômicas e socioculturais impostas nos dias de hoje, por uma

vertente dominante de matriz epistemológica europeia, os saberes tradicionais estão ameaçados.

Acreditamos que abordagens da educação popular na EJA podem contribuir com a divulgação e propagação de diversificados saberes tradicionais e populares das benzedeadas. Debruçaremos-nos a seguir sobre possíveis aproximações e desafios ao longo dos nossos estudos.

2.6 Congada, religiosidades negras e afirmação identitária: os nossos passos vêm de longe!

No Quilombo da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Justinópolis há em sua dinâmica social a interlocução de diversos saberes tradicionais. O Congado tem sua marca expressiva nessa dinâmica por fazer parte da história de vida desse povo que se constituiu a partir de um grupo familiar que herdou a dança ancestral do Candombe, considerada o mais antigo fundamento espiritual do congado.

Segundo nos diz a pesquisadora Juliana Correa em sua dissertação *De reinados e de reisado: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis*, o Congado para as irmandades e para o povo negro é muito mais do que apenas um lazer, as festas tradicionais se constituem numa obrigação social, são movidas pela crença e pela fé.

As festas religiosas e as congadas se tornam uma experiência social individual e coletiva do grupo, acabam por marcar a vida e a passagem dessas pessoas na história daquela comunidade que reverencia e homenageia seus ancestrais.

Os seus primeiros capitães, líderes dos cantos e danças rituais, organizaram uma Guarda de Congo e mais tarde uma Guarda de Moçambique. Hoje os membros do Quilombo da Irmandade N. Sra. do Rosário participam ativamente das Guardas.

As Guardas do Congo e de Moçambique trazem consigo suas especificidades. Mesmo sendo de origem africana, elas possuem características próprias do sincretismo existente no Brasil. Cada guarda tem seu tipo de dança, músicas, vestimentas e instrumentos diferenciados.

São principalmente nas festividades existentes no Quilombo da Irmandade que as Congadas se manifestam com todas suas tradições e expressam seus rituais, lembrando a história da escravidão e de libertação.

Através das performances ali manifestadas, as danças, os cânticos e os ritos, são possíveis transmitirem para as novas gerações as histórias herdadas de seus antepassados. É uma manifestação de culto aos seus ancestrais e de respeito para com a história e o legado que esses povos deixaram de herança a mais de cem anos.

Figura 6 – Guarda do Congo – Congado da Irmandade N. Sra. do Rosário



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=774629049343718&set=g.521210904634135>.

Segundo a pesquisadora Leda Martins (2003), em seus estudos ela procura pensar a memória em que se inscreve, grafa e postula a voz e o corpo nas performances da oralidade e práticas rituais também em comunidades quilombolas.

Para Leda, no Brasil, há uma predominância de heranças textuais e da tradição europeia. A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos, domínios de linguagem e modos de aprender foram deixados à margem da história.

Ela diz ainda que o domínio da escrita se torna metáfora do conhecimento, centrada no alcance da visão. A memória inscrita como grafia articula-se ao campo e processo visual mapeada pelo olhar apreendido como janela do conhecimento. Tudo que escapa à apreensão do olhar, o que não está circunscrito a ele, nos é exótico, estranho. Torna-se distante da nossa compreensão, livre de nossa contemplação, de nossos aprendizados e saberes.

Figura 7 – Guarda de Moçambique da Irmandade N. Sra. do Rosário



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=906554846075168&set=g.521210904634135>.

Segundo Leda Martins, o uso da memória pode ser pensado em outros ambientes para além da escrita. Nesse caso, a memória se inscreve através da voz e do corpo, manifestando-se nos âmbitos da oralidade e das práticas rituais.

Para a autora, na literatura escrita no Brasil há uma predominância de arquivos textuais e tradição retórica de matriz epistemológica eurocêntrica. A textualidade dos povos indígenas e africanos, modos de fazer e aprender foram marginalizados.

A autora ainda nos diz que o domínio da escrita centrado na matriz eurocêntrica torna-se uma metáfora de ideia quase exclusiva da natureza do conhecimento. Nesse caso, a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios e domínios de linguagem, foram deixados à margem e não se refletiram em nossas letras e escritas pelo fato de o domínio da escrita ser quase que exclusivo da natureza do conhecimento, uma “imposição eurocêntrica”.

A autora faz uma aproximação dos locais de memória ao afirmar que ela não se restringe apenas à escrita. Segundo ela, em uma das línguas bantu do Congo, o mesmo verbo, *tanga*, designa os atos de escrever e dançar, que em sua raiz deriva, ainda, do substantivo *ntangu*, uma das designações do tempo, insinuando que a memória dos saberes pode se inscrever, tanto na caligrafia no papel, quanto no corpo em performance.

Para a autora, a teoria de Schechner explica a performance como ação teatral, e cada uma dessas práticas (teatro, dança, ritual, esporte, jogos etc.) não é apenas meio de expressão simbólica, ou seja, uma performance da oralidade, o gesto não é apenas a representação de um

sentido possível, mas instaura a própria performance. As práticas performáticas são sempre provisórias e inaugurais mesmo quando sustentadas em modos de transmissão enraizados, tradicionais.

A autora relata que em suas pesquisas a performance e as cenas rituais, por meio das quais pensa o corpo e a voz, são locais de diversos saberes. Na sua compreensão, o corpo e a voz não são apenas expressões ou representações de ações; são, sobretudo, manifestação de conhecimentos escritos nos gestos, movimentos e vocalidade. Diz que no corpo se repete não apenas um hábito, mas a técnica, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento.

Observou que nos rituais de matrizes indígenas e afro-brasileiras é possível aprender a abundância de conhecimentos e saberes restituídos e reinscritos nas Américas. Para ela, nas apresentações de danças, expressões culturais, rituais, festas e nas cerimônias, a memória se faz presente, se manifestam as técnicas, padrões herdados de seus ancestrais, por exemplo.

Segundo Martins, a cultura negra na América é dupla, pois lhe foram impostas regras e normas que lhe proibiam a manifestação de suas heranças culturais que trouxeram da África. Contudo, os escravizados driblavam os senhores com suas gingas se revestindo de formatos engenhosos. Como afirma Soyinka (1996, p. 342), sob condições adversas, as formas culturais se transformavam para garantir a sua sobrevivência.

Para a autora, a cultura negra é, epistemologicamente, o lugar dos cruzamentos de diferentes símbolos e culturas. Há uma mistura de indígenas, europeus, africanos e até orientais, posteriormente, que compõem essa cultura.

Nesse ambiente de memória, os Congados e Reinados negros merecem atenção por aquilo que representam para além do sagrado. Há que se enfatizar nas performances dos Congados todo ajuntamento de procedimentos e técnicas por meio dos quais alguns princípios filosóficos africanos são reprocessados, entre eles a ancestralidade, a celebração de seus antepassados e os ensinamentos para as novas gerações.

Figura 8 – Rainha do Congado da Irmandade N. Sra. do Rosário



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/521210904634135/media/photos>.

As manifestações das festividades realizadas dentro da Irmandade, como as Congadas e Reinados, pertencem a um sistema religioso instituído no sincretismo existente no Brasil, no qual os quilombolas em suas festas de rituais de estilo africano demonstram devoções a diversos santos católicos.

As exposições das Congadas acontecem por meio de estrutura simbólica e complexa. Nos rituais, distintos grupos estão inclusos: guardas, coroação de reis e rainhas, danças dramatizadas, atos litúrgicos e cerimoniais.

Os negros criaram uma cerimônia que reinterpreta a travessia dos negros da África à América. Relatos de viajantes e outros registros orais e escritos mapeiam a sua existência desde o século XVII, em Recife, e sua disseminação por outras regiões do Brasil, em vários casos ligados às Irmandades dos Pretos.

Os Congados em seus festejos possuem uma estrutura com ritos de aflição e religião elaborados através de uma organização simbólica; representações de ações, códigos sensoriais, visuais e auditivos repletos de músicas e danças, um teatro sagrado e outros.

Essas representações trazem consigo valores estéticos e cognitivos. Há uma transformação por meio de estratégias de ocultamentos e visibilidades, técnicas de expressão e procedimentos, uma dinâmica de modificação, ampliação e recriação de códigos culturais entrecruzados.

Em um festejo de Irmandade, todos os atos rituais apresentados emergem de uma narrativa de origem e em uma complexa estrutura que inclui novenas, danças, cortejos, levantamento de mastros, banquetes, cumprimento de promessas e a presença do reinado, como descrito por Martins (2003, p. 72):

Há basicamente, nas dramatizações e performances, três elementos que insistem na rede de enunciação e na construção do seu enunciado: 1º) a descrição de uma situação de repressão vivenciada pelo negro escravo; 2º) a reversão simbólica dessa situação com a retirada da santa das águas, sendo o canto e a dança regidos pelos tambores; 3º) a instituição de uma hierarquia e de um outro poder, o africano, fundados pelo arcabouço mítico e místico.

A história dos congados e culturas negras foi ao longo do tempo reprimida, mas, ao se realizar, parece nos revelar a dignidade desse processo de deslocamento preenchendo os vazios originados pelas perdas.

A realização e a sustentação desses rituais nos mostram as estratégias de resistência que foram imprescindíveis para as revoltas escravistas, as várias organizações negras contra a escravidão e o sucesso dos quilombos.

Os ritos cumprem uma função educadora. Esse acontecimento nos quilombos principalmente permite a transmissão e reterritorialização. No Brasil, o ritual de ascendência africana religiosa é um culto à ancestralidade.

A concepção ancestral dos povos da África inclui em seu teor as divindades, a natureza cósmica, a flora e a fauna, os mortos, os vivos e os que ainda irão nascer.

E nessa perspectiva o Quilombo da Irmandade de N. Sra. do Rosário é uma referência cultural na cidade e tem como tradição as festas anuais em louvor a N. Sra. do Rosário considerada protetora dos pretos.

Livia Nascimento Monteiro (2016), em *A Congada é do mundo e da raça negra*, pesquisa sobre as manifestações das Congadas em Piedade dos Gerais, analisa em seu trabalho, entre outras coisas, as narrativas míticas do reinado e congadas.

Monteiro (2016) faz uma análise de alguns elementos simbólicos, como rituais da festa, cores, danças e performances. Através de entrevistas aos congadeiros e moçambiqueiros, consegue localizar os nomes dos fundadores das Guardas de Congada e Moçambique e suas relações com a Irmandade.

A pesquisadora investigou o que levou alguns homens negros descendentes de escravizados a fundar as Guardas de Congada e Moçambique. Percebeu peculiaridades do associativismo negro com a associação mutualística religiosa, conseguindo mapear as redes

de relações sociais dos primeiros capitães das Guardas e a partir daí entender os possíveis caminhos do campesinato negro naquela região.

A sua pesquisa revela como as pessoas através do congado mantêm esse vínculo de respeito e valores que herdaram de seus antepassados. Continuam em seus festejos reverenciando aqueles que os antecederam naquela comunidade e como com o passar do tempo eles foram criando estratégias para perpetuação das manifestações de culto aos seus ancestrais.

Figura 9 – Convite de Festa do Quilombo da Irmandade N. Sra. do Rosário



128ª Festa em honra a Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis - 2017

Tema: "Maria passe na frente, abre caminhos e renove a nossa fé"



18/10 - Quarta-feira: Início da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Apostolado de Oração
Gesto Concreto: Copos descartáveis

19/10 - Quinta-feira: 2º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Terço dos homens
Gesto Concreto: Produtos de limpeza

20/10 - Sexta-feira: 3º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Comunidade N. Sra. Rainha da Paz
Gesto Concreto: Papel higiênico

21/10 - Sábado: 4º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Comunidade Santa Lúcia
Gesto Concreto: Saco de lixo

22/10 - Domingo: 5º dia da Novena
19:00 horas: Saída da bandeira de aviso da casa do Sr. José Teixeira, na Av. Guanabara, nº400 - B. Botafogo 2ª seção.
20:00 horas: Missa (Após hasteamento da bandeira de aviso)
Responsável: Comunidade Santa Luzia
Gesto Concreto: Pano de prato

23/10 - Segunda-feira: 6º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Comunidade Nossa Senhora Aparecida
Gesto Concreto: Pano de chão

24/10 - Terça-feira: 7º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Paróquia N. Sra. do Rosário (Bairro Santa Martinha)
Gesto Concreto: Refrigerante

25/10 - Quarta-feira: 8º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Irmandade N. Sra. do Rosário Justinópolis
Gesto Concreto: Vasilhas de plástico

26/10 - Quinta-feira: 9º dia da Novena
20:00 horas: Missa
Responsável: Comunidade Nossa Senhora da Piedade
Gesto Concreto: Vassoura e rodo

27/10 - Sexta-feira:
18:00 horas: Reunião das Guardas na casa do Capitão Adelmo, na Rua Andaraí, nº 160 - B. Botafogo 1ª seção, onde será hasteada a bandeira. Logo após cortejo até a Igreja do Rosário onde serão hasteadas as bandeiras de promessa.

28/10 - Sábado:
18:00 horas: Reunião das Guardas na Igreja do Rosário seguindo até a Av. Denise Cristina da Rocha, nº 2300 - B. Papine, onde buscaremos a bandeira festeira. Em seguida cortejo até a Igreja do Rosário.
21:00 horas: Missa Crioula
Após a missa hasteamento das bandeiras de promessa.

29/10 - Domingo:
05:00 horas: Alvorada
07:00 horas: Reunião das Guardas na casa do Capitão Adelmo. Logo após seguiremos para a casa da Rainha Festeira, na Av. Denise Cristina da Rocha, nº 2300 - B. Papine, onde será realizada a Coroação dos Reis Festeiros. Logo após, cortejo até a Igreja do Rosário para recebermos as Guardas visitantes.
08:00 horas: Café de promessa para as Guardas visitantes
12:00 horas: Missa Conga
13:00 horas: Almoço
Cumprimento de promessas
17:00 horas: Procissão
20:00 horas: Encerramento

30/10 - Segunda-feira:
10:00 horas: Reunião das Guardas na Igreja do Rosário
13:00 horas: Almoço
14:00 horas: Cumprimento de promessas
19:30 horas: Missa
21:00 horas: Encerramento

Treno Coroado

Rei Congo:
José Ostaques Costa
Rainha Conga:
Maria Aparecida da Cruz
Rei Perpétuo:
Divanil Felício da Aparecida
Rainha Perpétua:
Cecília Maria Cesária
Rainha de N. Sra. das Graças
Francisca Diniz Leandro

Reis Festeiros

Rei: Ere Cout de Souza
Rainha: Ariana Thamara de Souza
Príncipe: Ryan Felipe de Souza Chagas
Princesa: Ana Clara Labanca Rossi Nogueira



"Que Nossa Senhora do Rosário derrame suas bênçãos sobre nós!"

A intervenção dos ancestrais se manifesta no congado pela força do axé, por meio dos candombes¹¹, os tambores sagrados, e a palavra vocalizada. Para o congadeiro, esse saber está instituído espacialmente, na medida em que o cortejo e as caminhadas estão refazendo os círculos em torno de mastros e igrejas, por exemplo. Nesse momento ele está percorrendo um caminho antes trilhado pelos seus antepassados.

2.7 Saberes afrodiaspóricos de resistências e histórias de vidas

Conforme vimos, investigar os saberes negros e afrodiaspóricos a partir das resistências é fundamental na realização deste estudo. Afinal, historicamente a população negra e a indígena, há séculos, têm resistido a diferentes formas de discriminação e descaso, entre outras coisas, com a sua produção política, religiosa e cultural. Cabe ressaltar que a oralidade ocupa um lugar central para esses povos.

A esse respeito, a pesquisa intitulada: *A tradição oral para povos africanos e afro-brasileiros e a relevância da palavra*, realizada por Eudaldo Filho e Janaína Alves (2017, p. 55), diz que as transmissões dos saberes tradicionais em comunidades negras, na maior parte das vezes, se dão por meio da oralidade.

Na mesma direção, BÂ (2010, p. 174) afirma que “na tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra-se em relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca”. Por ser a oralidade uma ação significativa para a população africana, é relevante refletir sobre sua utilização na preservação e difusão do legado da África no Brasil.

As tradições orais provenientes da África e seu estabelecimento no Brasil resultaram na fusão das duas culturas, que se faz muito presente nas religiosidades de matriz africana. Para os africanos e afrodescendentes que usam essa tradição oral, é relevante a palavra dita.

Em várias regiões do continente africano, a oralidade tem presença marcante, o valor que a oralidade tem para parte deles é bastante significativo e revela a sabedoria humana que prioriza o indivíduo em sua integralidade.

¹¹ Assim como os seres humanos, cada tambor tem sua própria voz e vibração. Cada animal e árvore de que o tambor é feito tem sua própria medicina; seus espíritos são parte do tambor. Para dar voz ao tambor ele precisa ser “despertado” em cerimônia sagrada.

A tradição oral imbricada na construção da história do Brasil herdou dos povos africanos a oralidade como método de transmissão de conhecimentos. A palavra “tradição” adquire sua plenitude ao se referir à dimensão espaço-temporal da experiência do grupo.

A palavra traz o passado, permitindo no presente a construção do futuro. A oralidade permite ao sujeito que a usa fazer uma conexão com seus ancestrais, que encontram aí a possibilidade de propagarem suas lembranças. A oralidade é o vivido no presente, é o cotidiano das pessoas.

São fontes de estudos dos autores da pesquisa sobre oralidade os seguintes estudiosos: Amandou Hampanté Bâ, Emílio Bonvini, Joseph Ki-Zerbo entre outros. Segundo Bâ (2010, p. 172) “a tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente.” “[...] lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é”.

A cultura brasileira sofreu influências de povos de origem estrangeira ao longo e após o processo de colonização. Diante das evidências dessas influências, as marcas deixadas por esses povos no modo de vida dos brasileiros é uma realidade.

Nas comunidades negras, inclusive no quilombo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, a influência africana se manifesta em vários aspectos na vida das pessoas.

Além dos saberes das benzedadeiras, que são oriundos principalmente de matrizes de conhecimento indígena-africana, a tradição oral é significativa para os povos da África, e essa tradição é uma herança que deixa marcas profundas presentes até os dias de hoje.

Os povos africanos situaram no Brasil a tradição oral, que ainda é preservada e mantém viva a memória dos antepassados. Os africanos usaram e usam a tradição oral como um método de difusão e construção de conhecimentos de alguns povos.

A história oral é utilizada para a integração das relações entre indivíduos. É usada na África para transmissão de saberes, valores e histórias de vida, dessa forma propagando-se e construindo a sua cultura, de geração para geração.

É interessante observar na comunidade quilombola em que realizamos o estudo como se dá a preservação e a transmissão dos saberes tradicionais. Se nas práticas da propagação das manifestações culturais os ensinamentos através da oralidade intercambiam com as práticas educativas da EJA, as quais, muitas vezes, tendem a privilegiar “escrita-formal”.

Os ensinamentos através da oralidade, para os africanos, possuem um forte caráter. São o alicerce da constituição da sociedade. As palavras proferidas pelos mais velhos

possuem veracidade e importância inquestionáveis. O que é dito pelos mais velhos possui relevância principalmente no núcleo religioso.

Reforçando os ensinamentos da oralidade, a benzedeira Zana nos reafirma a importância da tradição oral, quando nos diz: “aquele canto ficava na cabeça da gente, a gente queria ficar aprendendo para na hora de cantar não errar, a gente catava o dia inteiro para não esquecer, na hora da apresentação fazer bonito na festa”.

Sendo para os africanos a transmissão de conhecimentos através da oralidade de suma importância, os detentores dos conhecimentos se encarregam de transmitir o que lhes foi ensinado, preservando a memória e história de seu povo.

Conduzidos pela tradição oral, os africanos, em um exercício constante de fala, escutam e memorizam, se organizam e erguem seus grupos familiares e comunitários. Educam orientados pela oralidade e, em contato com outros grupos, trocam conhecimentos e experiências significativas para todos, num aprendizado coletivo.

A oralidade é tão relevante para eles, que a fala está entrelaçada no valor que a palavra possui e aquilo que ela revela, trazendo consigo a intencionalidade, o caráter do que é dito e a responsabilidade no dizer.

Os povos africanos e seus descendentes vivenciam as tradições de forma peculiar, aquilo que lhes foi transmitido pelos antecessores faz parte, na prática, de suas vidas. A tradição se corporifica no africano por ser ela um ato comunitário que se realiza e concretiza pela dinâmica do grupo.

É possível que essa seja uma prática dessa comunidade quilombola onde realizamos nossa pesquisa, por se tratar de uma comunidade composta por descendentes com herança dos povos vindos da África.

A tradição da oralidade, por fazer sentido à vida, para os participantes das comunidades é permanente e se reinventa ao passar pelas gerações, atinge grandes dimensões que não se limita ou cessa, ela prossegue no tempo. Tradição é uma forma de vida e de se organizar própria de um grupo que compartilha experiências de vida. Os sujeitos que vivem na tradição valorizam os ensinamentos que lhes foram transmitidos e são comprometidos com eles. Na tradição oral, a palavra dita revela o próprio ser e interfere diretamente no convívio da comunidade. Para eles a palavra é sagrada.

Para grande parte dos africanos, a oralidade revela um saber que prioriza o indivíduo em seu potencial físico e moral. Esta prática transpõe valores da moralidade, atinge a consciência do ser e a responsabilidade humana.

As habilidades, tanto da escrita como da fala, têm sua relevância na esfera humana. Os povos africanos priorizam a fala, eles dão continuidade à tradição em que foi constituída sua formação e existência.

Diversos elementos podem documentar e comprovar a excelência dos fatos na história de um povo: esculturas, objetos religiosos, fotografias, objetos pessoais e até mesmo a moradia.

A tradição oral é menos dependente de adereços materiais para comprovar fatos. Ela por si já conta e valida os fatos. As manifestações humanas em grande parte do território africano se baseiam na tradição oral para viver e dar continuidade à sua cultura, diferentemente de outras sociedades que priorizam a tradição escrita para validar sua cultura.

Um benefício da tradição oral, por exemplo, é que, nas sociedades africanas, todos os indivíduos são transmissores das histórias e dos saberes, esse exercício é passado de geração para geração.

Os tradicionalistas são os mestres do povo, de sua comunidade, e possuem a incumbência de repassar os ensinamentos e conhecimentos que lhes foram ensinados. Eles têm a responsabilidade de transmitir os conhecimentos através do exemplo que acompanha a palavra.

Os tradicionalistas são lideranças de determinados grupos, formado no seio de suas comunidades, são conhecedores de um saber específico, não são especialistas, possuem conhecimentos em diversas áreas. Transmitem conhecimento específico, mas podem compreender em seus ensinamentos diferentes ciências. Eles possuem um conhecimento vasto não se limitando apenas a um especificamente, podem ser responsáveis por um ou vários saberes. (ALVES; FILHO, 2017, p. 62-3).

Na África, a tradição oral é incontestável, os tradicionalistas são reconhecidos como mestres, são eles os responsáveis pela transmissão do conhecimento. Os africanos, através da oralidade veem a possibilidade de mostrar sua própria existência e de propagar o legado de sua história e memória, difundem os conhecimentos de seus antepassados para as atuais e as futuras gerações.

Entre as virtudes da tradição oral está a autenticidade com que as histórias e conhecimentos serão transmitidos. A palavra deve revelar o caráter de quem a profere, o homem vale o que fala, o tradicionalista deve honrar sua palavra. O valor da palavra, o valor da fala do homem é um compromisso infundável.

A tradição oral faz uma passagem do homem pela história, ela é capaz de transportar o homem ao passado, conduzindo-o ao presente e preparando-o para o futuro. Ela é inerente à

sua condição humana, é própria de sua vivência e seu pertencimento na sua comunidade e no mundo.

Dentro da tradição oral, a fala permite a participação do homem que interage no espaço tempo, ele conhece sua história e edifica sua cultura. A fala direciona, instrui e é um dos fatores de sobrevivência da comunidade.

Nas sociedades em que a tradição oral é preponderante, o comportamento dos seus pertencentes é orientado pelos companheiros do grupo, os conhecimentos e saberes são consolidados e compartilhados. A fala transfere reciprocamente os saberes e perdura o grupo, sobrepondo-se à individualidade.

Nas comunidades em que a tradição oral é uma prática, o contato com o outro enriquece o desenvolvimento humano, e a troca de saberes permite que mais indivíduos interajam. A oralidade contribui para essa interação social.

No Brasil, as tradições orais herdadas da África se expressam com mais presença nas manifestações religiosas: no Candomblé, por exemplo, os ensinamentos sagrados são transmitidos pelos mais velhos para os mais novos com base nos ancestrais divinizados.

No caso específico de nossa pesquisa, procuramos identificar como os saberes tradicionais são transmitidos para as novas gerações, se há alguma semelhança com a oralidade expressa na África ou herança dessa oralidade.

Além disso, no Brasil, desenvolveu-se o costume da oralidade através da prosa, da conversa do dia a dia. Os brasileiros, mesmo habilitados com a escrita, praticam a fala com muita frequência nas interações sociais, em suas relações pessoais. Essa oralidade é herança dos africanos que se propaga até hoje em nossas comunidades.

Podemos considerar que, assim como na África, no Brasil, a oralidade dissemina até os dias atuais o saber tradicional, o conhecimento entre as gerações. A educação, os conhecimentos que os pais passam para os filhos são baseados na oralidade e se materializam pelo valor que a palavra proferida pelo transmissor tem. Ouvir alguém mais velho é sinônimo de valorização de sua fala, de respeito.

Sabe-se também, através de estudos realizados, que a tradição oral africana tem um forte apelo em grupos. Comunidades brasileiras que se organizaram sob influência de tradições africanas, mais precisamente em grupos de matrizes religiosas que cultuam seus ancestrais divinizados.

Pelo fato de haver grande número de africanos aqui no Brasil, houve um intercâmbio cultural entre as idas e vindas, favorecendo a troca de saberes e costumes entre os dois povos. E entre esses saberes a tradição da oralidade se faz presente.

O legado dessa tradição oral passou a definir a crença nos aprendizados, ensinamentos e saberes populares e tradicionais. Assim sendo, tendo em vista a intensificação dos processos de modernização tardia, verifica-se com a realização deste estudo que a transmissão oral da benzeção coexiste com as práticas educativas desenvolvidas na EJA.

Todavia, por mais que há possibilidades reais capazes de integrar esses saberes por parte das instituições de ensino do entorno, por exemplo, percebe-se que a efetivação desse intercâmbio é praticamente inexistente.

No entanto, um olhar mais atento acerca das diretrizes propostas pela EREER nos dá pistas que é possível construir práticas educativas de caráter integral e ao mesmo tempo integrada. É sobre isso que discutiremos no próximo capítulo.

3 EJA, SABERES TRADICIONAIS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PELA VALORIZAÇÃO AFRODIASPÓRICA

Por exemplo, tem um moço lá da Comunidade do Congado, os filhos dele eram católicos e um dos filhos dele passou a ser evangélico e tem uma criança que esteve doente, foi para o médico e disse que ele estava com a barriga inchada ele voltou, e nada de melhorar, ele levava criança toda semana ao médico, aplicaram soro e nada de melhorar. Um certo dia, o avô da criança falou, vou levar meu neto lá para benzer. Noutro dia a própria criança disse: “eu melhorei muito, muito mesmo” perto do avô. No dia seguinte, quem levou a criança para benzer foram os próprios pais evangélicos. E hoje sempre que precisam eles vão lá e levam a criança.

(Zinha, benzedeira quilombola, 2020)

3.1 EJA e os saberes tradicionais: diálogos, aproximações e desafios

Segundo Miguel Arroyo, os educadores e a escola devem ter uma atuação para recuperar a dignidade dos educandos. Devem articular as várias instituições e a pluralidade de forças para garantir a integração de todas as pessoas. Nesse sentido: “o Estado e a escola, a pública sobretudo têm função de educar os cidadãos nos valores da cidadania. Não separemos o direito à educação dos demais. Ele só avança se garantida a pluralidade de direitos” (ARROYO, 2018, p. 1).

Para o autor, falta aos educadores mais conhecimentos sobre jovens, adultos e idosos. Nesse sentido, a procura desses sujeitos por essa modalidade de ensino necessita contribuir para a formação de sujeitos não somente para o mundo do trabalho, mas também para a vida.

De igual modo, partilhando dos princípios freirianos, é preciso reconhecer e colocar em prática as questões relativas à educação como instrumento de transformação política e social. A libertação de um estado de opressão deve ser ação social, não acontece de forma isolada. Somos seres sociais e por isso a transformação do meio deve acontecer na própria comunidade, em sociedade.

Em sua obra *Pedagogia do oprimido*, o autor busca problematizar a realidade dos educandos e de como a educação tem um papel fundamental nesse processo de busca de

autonomia e liberdade, considerando que: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 29).

Reconhecer práticas culturais das comunidades diz respeito, portanto, a reposicionar e, ao mesmo tempo, valorizar os diversos saberes produzidos pela população negra brasileira. Assim sendo, aprofundar os conhecimentos sobre os saberes tradicionais se apresenta como significativo e relevante, pois, ao se dedicar ao estudo do funcionamento das formas como eles se dão, como eles são construídos, a sua formação e transmissão, nos colocamos em contato com outros jeitos de conceber maneiras de aprender e conhecer.

A esse respeito, em seus escritos, Conceição Evaristo produz poesias que aguçam a regularidade da memória social da população negra no Brasil. Ela consegue evidenciar a condição de mulher negra nascida na favela, que tem em sua ancestralidade os escravizados no Brasil.

Ela manifesta através da poesia a dificuldade enfrentada por ela e por seus familiares na infância, lança um olhar para a condição do negro na sociedade brasileira, que foi marcada pela escravidão, marginalização dos forros, discriminação, preconceito e exploração por meio do trabalho subalterno e mal remunerado. A partir daí, Evaristo consegue cunhar o termo *escrivência* para dar nome a uma escrita que se entrelaça com sua vivência, com relato de suas memórias e de todo o povo que traz ancestralidade afro-brasileira.

A sua literatura é capaz de transmitir a miséria, o abandono e a violência em que essa parcela da população, em sua grande maioria, foi deixada: à margem da sociedade. Nos dias de hoje, nos remete à população de rua, àqueles que vivem nos grandes centros urbanos em semáforos pedindo esmolas e ajuda de toda sorte, sobrevivem pela caridade e através da ajuda de poucos.

Conceição Evaristo, na condição de mulher negra, consegue em suas poesias denunciar a situação de miséria vivenciada pela população negra, fruto de uma condição que foi submetida após a escravidão. Com isso, preserva a história e a memória social de um povo e de um país assolado pelas mazelas impostas pelos colonizadores e seus herdeiros.

Assim como Evaristo, nós, negros, sentimos nos dias de hoje os efeitos da dor produzida pela condição de escravidão imposta aos negros no Brasil. São perceptíveis as inferências que Evaristo assume em seus manuscritos, como guardiã da memória de seus ancestrais.

Nessa perspectiva, muitos dos educandos da EJA vivenciam situações parecidas às descritas pela narrativa dessa autora. No entanto, consideramos que não só pela interpretação da vítima que eles devem ser reconhecidos. E nesse estudo buscamos, então, compreendê-los

como sujeitos possuidores não apenas de saberes diversificados, como também oriundos de demarcadores sociais distintos, quais sejam: étnico-racial, de gênero, orientação sexual, de necessidades especiais, classe social, etc.

Os estudos desenvolvidos por Silva (2009) a esse respeito contribuem no sentido de entender a EJA também pelo direito à diversidade étnico-racial dos sujeitos que ali estão presentes quando diz:

As pessoas jovens e adultas são sujeitas que possuem lugares sociais, identitários, geracionais, de raça, de gênero e de orientação sexual diversos. Juventude e vida adulta na EJA apresentam especificidades e são marcadas pela diversidade. Essas questões não são discutidas nos textos legais e são abordadas de forma ainda muito incipiente pelos próprios teóricos do campo. É no cotidiano das práticas de EJA que as diversidades cultural, etária, racial e de gênero se expressam. (SILVA, 2009, p. 66).

A noção de saberes, inclusive os tradicionais, trazida por esses educandos poderia contribuir para pensar em currículos nos quais o processo de ensino-aprendizagem tenha significado para a vida desses jovens, adultos e idosos.

É importante lembrar que nós, educadores e educadoras, somos também “sujeitos” sociais envolvidos (as) no ato educativo de formação para a diversidade étnico-racial. Sendo assim, questionamentos possíveis de serem realizados pelos jovens, adultos e idosos nos processos de escolarização na EJA, ante a abordagem de valorização da cultura afro-brasileira e africana, de certa forma podem corresponder a possíveis indagações que também possuímos. Nesse caso, a superação do “improvisado” torna-se necessária. Tendo em vista o exercício profissional, somos convocados a participar desse debate de forma mais qualificada. O ato de respeito à diferença implica então rever valores, posicionamentos e atitudes. Isso só se dá por meio da realização de estudos sobre a produção das relações étnico-raciais e na relação afetiva de lidar com o Outro, considerado muitas vezes como o diferente. (SILVA, 2017, p. 209).

Nesse sentido, práticas educativas desenvolvidas na EJA e os profissionais da educação que atuam nessa modalidade de ensino, em específico, são convidados a contribuírem de forma responsável com a formação dos sujeitos, apropriando-se, inclusive, de outros saberes na prática profissional.

Assim sendo, é importante integrar perspectivas de EJA relacionadas com a educação popular e de maneira mais específica educação popular negra. No caso específico desta pesquisa, com os saberes tradicionais e populares de benzedadeiras.

Observamos que muitos desses saberes populares e tradicionais são pertencentes ao que podemos chamar de Educação Popular Negra, pois são saberes que perpassam gerações e são transmitidos através da oralidade ou no próprio exemplo no fazer do dia a dia.

Assim sendo, buscando compreender um pouco mais o contexto em que essas práticas de benzeção se realizam a partir da escola em que lecionei e convivi com educandos da EJA por dezessete anos, localizada no entorno dessa comunidade, inicialmente realizamos uma pesquisa com estudantes da EJA da Escola Estadual Luiz Gama¹², localizada no município de Ribeirão das Neves, região periférica de Belo Horizonte, através da aplicação de um questionário virtual. Os resultados obtidos de suas devolutivas apresentamos na Tabela 3.

Figura 10 – Escola Estadual Luiz Gama



Fonte: Acervo de Pesquisa. Registro fotográfico do autor.

Dada a proximidade com cada um dos três respondentes, bem como a suspeita de que eles fossem oriundos da comunidade com a qual dialogamos, os dados obtidos revelam que o perfil majoritariamente que compõe os estudantes da EJA reside em regiões de periferias. E mais, a maior parte deles se autodeclaram como negros.

¹² Nome fictício e presta homenagem a um dos principais líderes do abolicionismo brasileiro.

Tabela 3 – Estudantes da EJA com vínculos com a Irmandade N. Sra. do Rosário

Questões	Estudante 01	Estudante 02	Estudante 03
Estudante da EJA	Sim	Sim	Sim
Escolaridade	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo
Reside/Comunidade	Próximo	Próximo	Próximo
Cor/raça autodeclarada	Preto	Preto	Parda
Atuação Profissional	Desempregada	Desempregada	Atendente posto saúde
Saberes são importantes?	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração do autor.

Para construir as informações constantes na Tabela 4, fizemos um levantamento de dados na secretaria da escola, nas fichas dos discentes matriculados na EJA no turno da noite. Buscamos no arquivo da escola a quantidade deles que já estudou naquela instituição e aqueles que por proximidade da comunidade da irmandade pertenciam à mesma.

Interessante notar que nem mesmo a instituição possuía esses dados de maneira sistematizada. Logo, realizar essa tarefa, apesar de todo o trabalho que foi necessário para a sua conclusão, permitiu conhecer melhor a realidade da EJA ao longo dos anos. A pesquisa foi realizada no mês de novembro de 2020, com auxílio das Auxiliares de Serviços de Educação Básica (ASB) lotadas na referida escola.

O procedimento utilizado foi o levantamento nos livros de registro dos estudantes da EJA e nos arquivos digitais do SIMADE, Sistema Mineiro de Administração Escolar, com a autorização da direção da referida instituição.

A partir do levantamento realizado, foi possível identificar a quantidade de estudantes egressos da EJA, bem como localizar os residentes nas proximidades da comunidade da Irmandade de N. Sra. do Rosário de Justinópolis, em Ribeirão das Neves.

Tabela 4 – Total de estudantes da EJA na Escola Estadual José Luiz Gama entre os anos 2005 e 2020

Ano Letivo	Quantidade
2005	79 estudantes
2006	149 estudantes
2007	164 estudantes
2008	139 estudantes
2009	186 estudantes
2010	223 estudantes
2011	186 estudantes
2012	127 estudantes
2013	179 estudantes
2014	161 estudantes
2015	230 estudantes
2016	379 estudantes
2017	451 estudantes
2018	254 estudantes
2019	152 estudantes
2020	130 estudantes
Total	3189 estudantes

Fonte: Elaboração do autor.

Através de alguns contatos com a comunidade escolar conseguimos fazer o levantamento aproximado de ex-estudantes da EJA e outros segmentos que pertencem a essa Comunidade. Verificamos que entre o período de 2005 e 2020 muitos deles conhecem ou já ouviram falar da Irmandade. Infelizmente, devido ao afastamento social imposto pela covid-19 não foi possível estabelecer diálogos com os egressos no sentido de perceber as suas impressões.

No que concerne ao funcionamento da referida escola, essa modalidade de ensino é ofertada regularmente na escola desde o ano de 2005, e a presença de estudantes matriculados nesse segmento foi no total de 3189 estudantes, número esse bastante expressivo, visto que na região a escola é uma das poucas que oferece essa modalidade de ensino.

Observamos junto aos Planos de Aulas dos professores que a maioria deles não relacionam os conteúdos trabalhados em sala de aula com as práticas de saberes tradicionais ou populares vivenciados nas comunidades, mas, em contrapartida, a escola, desde 2008, trabalha com projetos interdisciplinares abrangendo essa temática.

No desenvolvimento desses projetos eram propostos temas relacionados aos saberes populares e tradicionais, contudo, não especificamente pertencentes à Comunidade da Irmandade de Justinópolis, mas aos conhecimentos e saberes tradicionais de Minas Gerais. Na realização dos projetos eram desenvolvidas atividades de pesquisas e feiras temáticas sobre meio ambiente e sua degradação, danças, comidas típicas, uso de ervas medicinais usadas na medicina homeopática, esportes, cinema, teatro, poesias e saraus.

Nessas amostras, o objetivo é que os estudantes aprendam a relacionar o conhecimento escolar com o seu cotidiano. No final das pesquisas e discussões, é organizada uma apresentação para toda a comunidade escolar dos conhecimentos adquiridos. Percebe-se que vários professores trazem consigo os saberes aprendidos nos cursos de graduação e planejam suas aulas tendo como referência apenas o livro didático, por vezes, sustentado na matriz eurocêntrica e colonizadora.

A referida escola onde realizamos a pesquisa, em dezembro de 2021, passou por um processo de municipalização. O Governo do estado de Minas Gerais doou o prédio com todo seu equipamento (bens patrimoniais) para a Prefeitura do município de Ribeirão das Neves, em um Projeto chamado Mãos Dadas.

Os profissionais de educação foram remanejados para outras escolas e foram extintas as etapas: anos finais do ensino fundamental, todo o Ensino Médio, a EJA e o Curso Técnico. Todo esse processo de municipalização não foi informado à comunidade escolar e muito menos aos profissionais da instituição previamente. Quando a notícia chegou à escola, o processo já havia sido concluído na Câmara Municipal através de um projeto de lei e já estava sancionado pelo prefeito do município.

Percebemos que é ínfimo o ensino pautado em uma epistemologia voltada para a educação popular. Sabemos a esse respeito que o legado da Educação Popular, bem como o trabalho na perspectiva de Educação Popular Negra é extremamente necessário para obtenção

de resultados mais promissores na formação de cidadãos e cidadãs comprometidos com a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Heli Sabino (2012) em sua tese de doutorado ressalta a esse respeito que a Educação Popular como a conhecemos foi fruto de lutas políticas e religiosas que possuem suas origens nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil. A matriz teórica da Educação Popular está fundamentada em conceitos e categorias que sempre questionaram formas de poderes que por muitas vezes aumentam as desigualdades entre os povos e nações.

Nessa pesquisa, o autor constatou que há uma precariedade em relação ao mobiliário e espaços formativos dos símbolos e arquitetura física desses locais. Por exemplo, nas escolas de uma forma em geral, há uma precariedade da materialidade dos espaços físicos; o tamanho das salas de aulas, a iluminação fosca, a inadequação das mesas e carteiras à anatomia do público, ausência de espaços de socialização. Esses elementos que interferem no atendimento ao público da EJA são comuns na maioria das escolas.

Segundo a pesquisa, a questão da materialidade educativa está entrelaçada à configuração das práticas da EJA no Brasil. Para o autor, a EJA foi constituída à margem do processo de escolarização, marcada pela improvisação de espaços e amadorismo de seus profissionais, devido ao que se constata no Brasil ao longo dos tempos; uma ausência de políticas públicas principalmente para atender a esse segmento da EJA.

Segundo ele, sobre essa improvisação, amadorismo profissional e descasos de políticas públicas, a educação de jovens, adultos e idosos em espaços escolares foi incentivada pela Educação Popular, tendo seu expoente na década de 1960, Paulo Freire. Segundo Arroyo (2005), o fato de a EJA nunca ter sido exclusiva de políticas governamentais ou de sistemas educacionais permitiu aos movimentos sociais gestar formas de saberes que questionassem o sistema político vigente.

Para esse autor (2005), os princípios da Educação Popular existentes hoje no Brasil são suficientes para referenciar a formação continuada dos professores de jovens, adultos e idosos e estruturar a prática educativa da EJA. Ele destaca a especificidade do público da EJA, os processos (des)humanizadores que eles vivenciam. Argumenta que os sujeitos da EJA são marcados pela discriminação étnica, de gênero e pela ocupação precária no mundo do trabalho.

Em sua grande maioria, vivem nas periferias, vilas e conglomerados. São sujeitos pertencentes às camadas populares da sociedade. Esses são alguns dos motivos que fazem com que a educação de jovens, adultos e idosos tenha como objetivo formar pessoas que buscam a emancipação no trabalho e a cidadania em sua plenitude.

Em se tratando de perceber a articulação de EJA, Educação Popular e Saberes Tradicionais e Populares, a perspectiva conceitual Educação Popular Negra nos parece mais adequada de ser abordada. Adiante, desenvolveremos um pouco mais essa compreensão. Por ora, basta dizer que no Brasil diferentes movimentos sociais organizados defendem uma ampla discussão de reivindicações populares e propõem o desenvolvimento de iniciativas voltadas para a valorização das manifestações socioculturais e políticas dos sujeitos jovens, adultos e idosos.

3.2 Educação das relações étnico-raciais e EJA

Nos últimos anos, sobretudo no contexto de implementação da Lei 10.639/03 e de suas Diretrizes¹³ é possível verificar uma reflexão sobre a educação de jovens, adultos e idosos articulada com o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

No curso dessa discussão, Silva (2017) argumenta que é necessário levar em consideração a produção social de outros saberes acerca da valorização da cultura afro-brasileira e africana para reavivar a memória dos negros que se dedicaram à luta no combate à discriminação e racismo no Brasil.

O autor diz que a EJA possui como uma de suas características fundamentais abrigar os sujeitos que vivem em situações de desigualdades sociais, econômicas, culturais, políticas e inclusive raciais. Assim sendo, a EJA necessita ser entendida como um direito, pois os jovens, adultos e idosos nela matriculados possuem lugares distintos e trazem consigo marcas pela sua diversidade.

Kawakami (2014) analisa de que maneira a temática das relações étnico-raciais tem sido articulada na EJA nos últimos anos. Segundo a pesquisadora, a produção de conhecimento sobre a temática étnico-racial e do racismo estão consoantes com as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.

¹³ A Lei 10.639, considerada pelo movimento negro uma medida de ação afirmativa, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) que passou a vigorar acrescida dos artigos: 26-A, 79-A (Vetado) e 79-B. A Lei 10.639 prevê a obrigatoriedade do ensino sobre a história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica ofertada nos estabelecimentos de ensino públicos e particulares. Em 2008, a lei sofreu uma alteração pela Lei 11.645, e passou a incluir a história e cultura dos povos indígenas brasileiros.

Os autores que tratam da questão das relações étnico-raciais, segundo levantamento bibliográfico no GT18 da ANPEd realizado pela autora Kawakami (2014), se preocuparam com as seguintes questões em suas pesquisas: será que os pesquisadores que lidam com a EJA têm se debruçado sobre as questões das relações étnico raciais? Quais questões têm orientado as pesquisas na EJA sobre relações raciais? Eles buscaram fazer um levantamento para saber quais temáticas têm sido incluídas nos estudos da EJA?

A autora relata que questões referentes à desigualdade racial no contexto da EJA estiveram focadas durante décadas na alfabetização de adultos e influenciadas por modelos a partir dos quais podem ser identificadas com processos educativos universalistas e compensatórios no ensejo de reparar “atrasos” daqueles que não puderam ser escolarizados na idade “apropriada”.

Os livros didáticos utilizados nas escolas e na EJA, quando tratam da temática relacionada aos negros, os colocam sempre na condição de dominados, numa visão eurocêntrica. As lições orais, as datas festivas, os currículos sempre privilegiam as identidades dominantes (eurocêntrico, masculino, heterossexual, cristão) e em relação às identidades dominadas (feminino, indígena, afro-brasileiros, não cristão, homossexual) os tratam como exóticos, ou folclóricos.

Importante os educadores se atentarem para as Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas. Propostas e práticas pedagógicas orientadas pelo combate ao racismo podem conduzir ao diálogo, podendo, assim, ser uma das diversas estratégias para a construção de uma sociedade menos desigual.

Como sugere o documento, o convívio e o respeito às diferenças, construídos e reafirmados por meio e no diálogo, significam a “afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida, esclarecimento a respeito de equívocos quanto a uma identidade universal, combate à privação e violação de direitos” (BRASIL, 2004, p. 11).

Ao comentar sobre o diálogo imparcial como base para as práticas educativas, Freire (1996) diz que a escola deve promover propostas pedagógicas fundadas nas relações com os educandos, discutindo com eles, ou, na verdade, estabelecendo o que chama de “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos educandos e a experiência social que eles têm como sujeitos no mundo. Neste caso, reafirmando nossos estudos e pesquisa, sugerimos os Saberes Tradicionais e Populares, além de outros saberes.

A apresentação de possibilidades de desconstrução de sistemas de dominação eurocêntrica como categorias naturalizadas deveria, portanto, compreender que os sujeitos da

EJA não são uma categoria abstrata de pessoas, mas sujeitos históricos, que possuem histórias de vida, são sujeitos que trazem consigo marcas subjetivas e singulares.

Sobre esse aspecto, Passos (2012, p. 11) destaca a ausência das questões raciais no currículo da EJA, que é tensionada pelas presenças concretas de pessoas dos grupos histórico e socialmente desprotegidos, o que exige o que ela chama de “tratamento curricular das diferenças [...] na perspectiva de um projeto pedagógico comprometido com a promoção da igualdade racial e a erradicação de todas as práticas de discriminação”.

A autora aponta que entre as diferentes contribuições teóricas para a educação de jovens, adultos e idosos no Brasil, os estudos denominados pós-coloniais contemplam em suas propostas questionamentos das relações de poder que privilegiam a matriz eurocêntrica dominante em nossa sociedade. Consideram esse aspecto importante para questionar o currículo centrado nos modelos ocidentais que legitimam os dominadores e inferiorizam os diferentes, perpetuando, assim, as desigualdades.

Tais estudos reconhecem que a EJA é um espaço para esse tipo de questionamento. A partir desse lugar de conhecimento na educação pode ser possível os enfrentamentos ao desequilíbrio social, discriminações e exclusão, com o objetivo de reduzir essas desigualdades sociais. Mas apenas os trabalhos relacionados à temática das relações étnico-raciais não são suficientes para desconstruir os preconceitos que ainda existem em nossa sociedade. Conforme nos relata Kawakami (2014, p. 14.),

[...] tínhamos como hipótese que a pesquisa bibliográfica realizada no GT18 *Educação de Pessoas Jovens e Adultas* – da ANPEd revelasse estudos que articulassem essa modalidade de ensino com problematizações em torno do racismo, discriminação racial, preconceito, reconhecimento das diferenças ou diversidade étnico-racial e cultural, ainda mais com a intensa mobilização social e acadêmica para e em função da aprovação de leis que produzem uma inflexão no campo educacional no país, como foi o caso da Lei 10.639/03. Entretanto, em 10 anos de publicações no GT18 da ANPEd, encontramos apenas 2 trabalhos, de uma mesma autora, que dialogavam com as questões indicadas, sem, contudo, fazer referência explícita ao racismo ou à discriminação racial em articulação com a EJA e um trabalho que discutia a presença de uma juventude negra nos espaços da EJA.

A autora chegou à conclusão de que há uma insuficiência de trabalhos e pesquisas que deveriam se articular com a temática das relações étnico-raciais, discriminações, preconceito no GT18 da EJA na ANPEd, pois infelizmente encontrou apenas dois trabalhos que dialogam com essas questões, porém nenhum dos trabalhos faz menção ao racismo ou à discriminação racial em articulação com a EJA, e apenas um trabalho discute a presença da juventude negra na EJA.

Esse achado de pesquisa denota que, apesar da existência da Lei 10.639/03, a educação, como um todo, e a EJA, em específico, precisam avançar acerca das discussões sociais centrais para a construção de uma sociedade mais equânime e justa.

Os estudos das pesquisadoras Passos e Santos (2018), têm como foco a educação das relações étnico-raciais e busca problematizar a prática de ensino na EJA a partir da pesquisa-ação, realizada entre a coordenação pedagógica e professores.

As pesquisadoras observam que as instituições de ensino têm repercutido um ensino centrado numa lógica eurocêntrica e distante da realidade da maioria dos educandos da EJA.

Os estudos relacionados aos saberes populares ou diversos, as manifestações culturais de origem africanas ou indígenas no âmbito dessa modalidade de ensino são ainda bastante incipientes. O que se vê são ensinamentos descolados da realidade da maioria dos educandos da EJA.

Segundo os estudos, a desigualdade na escolarização da população negra evidencia que as instituições educacionais não absorvem a demanda real de pessoas que buscam principalmente concluir seus estudos na EJA.

As autoras, ao pesquisarem outras obras sobre o tema relações étnico-raciais, identificam que as análises sobre o racismo e as desvantagens escolares da população negra têm se ampliado e com elas as possibilidades de melhor entendermos o fenômeno das desigualdades raciais na educação e os mecanismos de discriminação existentes nas práticas pedagógicas.

Entendem que as práticas pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais reúnem não somente a teoria e a prática, ou a reflexão sobre uma prática pedagógica genérica, mas, sobretudo, é reflexão e prática antirracista.

Defendem uma perspectiva crítica e decolonial do currículo para a educação, com viés voltado para as relações étnico-raciais que pense a África a partir de um olhar dos próprios povos africanos, que fale de mulheres negras por autoras africanas, que mostre experiências e conte histórias de escravizados pelos seus movimentos e atividades na história da diáspora africana no Brasil.

Segundo as autoras, é necessária a discussão, o debate sobre a educação das relações étnico-raciais. Entendem que é preciso permitir lugares de fala mediados por leituras, mobilização de conceitos referentes às relações étnico-raciais.

O desafio para elas é a constituição de outra forma de ciência. O enfrentamento das desigualdades necessariamente implica conhecimento sobre o racismo. O desafio proposto requer ampliação do ensino para além da escravidão, deve se ater aos saberes diversificados,

aos conhecimentos sobre comunidades quilombolas, saberes populares e tradicionais de comunidades negras e indígenas.

É necessário pensar outras configurações sociais para a realização de práticas educativas de EJA. Uma aproximação com os saberes tradicionais e populares se apresenta na realização deste estudo como algo importante e necessário.

É fundamental para a construção de uma proposta didática que contribua para um ensino de História e cultura africana e afro-brasileira de qualidade, reafirmando o compromisso que propõe a Lei 10.639/2003. No âmbito dessa discussão é importante destacar a relevância da atuação dos movimentos sociais, de maneira geral, e do movimento negro, em específico, no sentido de reposicionar historicamente a luta antirracista no país. No que concerne à atuação dos movimentos sociais, Arroyo (2003, p. 39) entende que

[...] os movimentos sociais recuperam a centralidade da ética e das orientações culturais no convívio humano, na produção, na política, na formulação de políticas, no trato do público, da terra, do espaço [...] Eles têm trazido o confronto ao campo da ética, à defesa dos limites morais [...] eles vêm agindo como repositores de velhas dimensões: a formação de sujeitos éticos, do público, da moralidade.

Estudar sobre a relação entre negro e educação no Brasil, nesse caso, é tomar conhecimento da atuação política do Estado em relação à precarização moral e educacional desse segmento populacional.

Nesse sentido, o trabalho educativo relacionado à EJA e as questões étnico-raciais resulta de um processo de estudo relacionado à mudança de pensamento. Isso nos ajuda a entender a dimensão intersubjetiva entre os diferentes sujeitos no campo da EJA. Afinal, tendo em vista o presente-passado histórico autoritário, violento e escravocrata em nosso país é possível considerar que:

[...] nós, educadores e educadoras, somos também “sujeitos” sociais envolvidos (as) no processo educativo de formação para a diversidade étnico-racial. Sendo assim, questionamentos possíveis de serem realizados pelos jovens, adultos e idosos nos processos de escolarização na EJA, ante a abordagem de valorização da cultura afro-brasileira e africana, de certa forma podem corresponder a possíveis indagações que também possuímos. Nesse caso, a superação do “improvisado” torna-se necessária. Tendo em vista o exercício profissional, somos convocados a participar desse debate de forma mais qualificada. O ato de respeito à diferença implica então rever valores, posicionamentos e atitudes. Isso só se dá por meio da realização de estudos sobre a produção das relações étnico-raciais e na relação afetiva de lidar com o Outro, considerado muitas vezes como o diferente. (SILVA, 2017, p. 209).

Para o autor, o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana vincula-se a uma perspectiva complexa que segue em direção à criação e recriação das práticas educativas desenvolvidas na EJA. O trabalho de valorização da cultura afro-brasileira e africana implica necessariamente a ampliação de referenciais epistemológicos formativos.

A realização de uma leitura crítica dos marcos político-legais direcionados para promover a Educação das Relações Étnico-Raciais nessa modalidade de ensino se apresentou como recurso metodológico possível de ser utilizado.

O compromisso de recriar práticas educativas condizentes com o papel do educador no sentido de enfrentar os desafios constantes que surgem cotidianamente no contexto educativo da EJA tem sido uma aposta no tratamento com o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nessa modalidade de ensino.

Seguindo de perto as discussões propostas pelo autor, os saberes tradicionais das benzedadeiras instigam-nos a pensar, inclusive, a realização de práticas educativas integradas. Para tal, torna-se cada vez mais necessário os processos educativos realizados na EJA estarem mais abertos a considerar a produção da cultura negra popular também como repertório de serem apropriados no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda na discussão sobre o campo da educação no Brasil tratando da prática pedagógica baseada em pressupostos fundamentados em um suposto saber hegemônico e eurocêntrico, tal pedagogia foi responsável em grande medida pela definição de padrões que valorizam ao extremo a cultura eurocêntrica em detrimento das matrizes indígenas e africanas, reforçando a exclusão de um processo educacional que seja inclusivo em relação à educação para as relações étnico-raciais.

Segundo os pesquisadores Ude e Júnior (2019), a modernidade ocidental foi produtora de uma educação que via na escola aquela que seria capaz de estabelecer a ordem necessária para a formação do mundo capitalista, aquela que tem como missão formar um povo disciplinado e submisso ao modelo eurocêntrico.

Sem pensar na formação em sua totalidade, sem respeitar as diferenças na formação do povo brasileiro, por este motivo excluiu os outros saberes que não fossem escolares, inclusive os saberes tradicionais dos povos indígenas e afrodescendentes.

Essa imposição desde o Brasil colônia tornou-se um modelo com bases em relações hierárquicas estabelecidas em padrões racistas, machistas e patriarcais.

Na atualidade, esse processo se acelerou devido às novas tecnologias, que tornaram mais sofisticados e sutis esse mecanismo, capazes de excluir das discussões no ensino outros saberes para além do saber escolar.

Em seus estudos, os referidos autores relatam que, apesar das mudanças geradas a partir de conflitos no hemisfério sul principalmente, encerrou-se o colonialismo, mas prospera o imperialismo econômico, cultural e político comandado pelo eurocentrismo e pelos Estados Unidos.

Através desse domínio colonial, os autores sugerem que nossa tradição intelectual aprendeu a ver nossa cultura como exótica, somos o espelho dos nossos dominadores, vemos pela lente dos colonizadores.

Nesse aspecto, Said (2011) é enfático ao criticar a episteme colonial, já que produziu uma ideia de que os colonizados não apresentam capacidade cognitiva para descrever, analisar e interpretar a própria cultura, necessitando da presença de uma intelectualidade requintada de origem europeia ou estadunidense.

Esses estudos revelam a importância de realizar um exercício permanente a favor da libertação do conhecimento, no sentido da adoção de novas práticas de aprendizagens sobre o conhecimento intelectual voltadas para o hemisfério sul, neste caso, mais precisamente o Brasil, uma vez que a forma de pensar colonial se tornou uma prática viciosa, de condicionamento eurocêntrico cognitivo e afetivo.

Os referidos pesquisadores acreditam que o exercício de um diálogo entre os saberes deve ir além da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, uma vez que estão no campo das disciplinas acadêmicas, é necessário que circule no campo dos intersaberes de matrizes de conhecimento, como a africana, a indígenas, populares, juvenis, ancestrais e outras. Eles argumentam ainda que:

Nesse item pretendemos levantar alguns indicadores para as transformações epistêmicas necessárias que demarcariam o campo da educação afrodiáspórica para uma configuração decolonial nas práticas universitárias, incluindo obviamente uma dimensão afro-pindorâmica como propõe o quilombola e pesquisador Antônio Bispo dos Santos. Acreditamos que esse exercício epistêmico se consolidará por meio de uma cosmologia distinta do modelo colonial eurocêntrico, já que quando se confronta as formas de produção do conhecimento estabelecidas pelo modelo ocidental em relação às matrizes africana e indígena, as diferenças são nítidas e destoantes no modo de olhar e conceber a realidade. Frente a isso, a identificação dos princípios que fundamentam as matrizes afro-pindorâmicas é fundamental para romper com as imposições coloniais eurocênicas e estadunidenses, considerando que a forma de visualizar o nosso contexto histórico-cultural foi forjada por perspectivas colonizadoras. (UDE; JÚNIOR, 2019, p. 11).

Diante desses estudos e com bases na pesquisa realizada, percebemos a necessidade de maior engajamento nas escolas e principalmente na EJA para ampliar e aprofundar a ERER. E

mais, incorporar, de fato, a perspectiva de outros saberes oriundos das diversas manifestações culturais, políticas e religiosas, como é o caso da benzeção, por exemplo.

A nossa experiência docente nos mostra que nas relações estabelecidas em sala de aula, quando se trata de discussões relativas aos saberes tradicionais, acaba por envolver questões religiosas, e por vezes observamos debates acalorados por parte de estudantes geralmente vinculados à religião pentecostal e/ou neopentecostais.

Ao primarmos por colocar em pauta essas discussões para que haja mais conhecimento sobre as origens desses saberes, acreditamos com isso que a instituição escolar esteja contribuindo com o reconhecimento da memória, da cultura e da história de formação de uma verdadeira nacionalidade brasileira, que no seu processo de constituição contou com a participação efetiva das populações originárias e afro-brasileira.

4 ENTRE OS SABERES TRADICIONAIS DE BENZEDEIRAS E OS PROCESSOS DE (IN)VISIBILIZAÇÃO DE SUAS PRÁTICAS NA EJA E NA SOCIEDADE

A importância de passar os saberes tradicionais? Acho sim, a vida da gente é o seguinte, hoje a gente está aqui amanhã não está, então é muito importante as pessoas mais novas para poder aprender [...] para ter o pessoal daqui a alguns anos mantendo esse conhecimento que hoje nós temos.

(Zana, benzeadeira quilombola, 2020).

Diante do que constatamos em nossos estudos foi possível perceber que os saberes tradicionais de mulheres negras, benzeadeiras e quilombolas não são incorporados de modo efetivo junto aos processos educativos da EJA da instituição do entorno por motivos diversos, dentre os quais destacamos: a falta de planejamento e inserção nos planos de ensino, a implementação das Leis 10.639 e 11.645 e suas diretrizes de modo incipiente, a ausência de formação continuada sobre EJA em interface com a Educação Popular Negra, entre outros. Entretanto, esses saberes tradicionais e populares negros circulam com frequência no cotidiano das salas de aula por meio da presença de membros da comunidade.

É importante e necessário que as tradições, os costumes, fazeres e saberes que fazem parte do legado transmitido pela população indígena e africana integrem o conhecimento escolar de modo a permitir aos educandos reconhecerem práticas socioculturais contracoloniais.

Cabe ressaltar que, atuando como professor de História e dentro da área de conhecimentos de Ciências Humanas e Sociais, redator do Currículo Referência do Ensino Médio de Minas Gerais (CREM/MG), estamos desenvolvendo este trabalho de interlocução e aproximação dos saberes populares e tradicionais com os saberes formais escolares. Nesse sentido, penso que a realização desta pesquisa contribuirá e muito para subsidiar as discussões que vêm ocorrendo nos grupos de trabalho.

4.1 Saberes transmitidos pela experiência

Em contato com a comunidade na Irmandade N. Sra. do Rosário desde 2005, conseguimos aos poucos observar e estabelecer relações entre esses saberes. Desse modo, as

discussões nas aulas da EJA com frequência envolvem temáticas relevantes que fazem parte do cotidiano dos educandos e educadores. Nessas discussões, conseguimos perceber que o que pauta as disciplinas e conteúdos formais em grande parte é fruto do que se vive na própria comunidade escolar. O processo de colonização tentou nos afastar dos conhecimentos populares e tradicionais e estabelecer conhecimentos forjados pelo eurocentrismo.

Observamos como profissionais da educação e atentos às discussões ocorridas em nossas aulas que a aproximação da realidade de vida dos estudantes com os saberes formais consiste em um processo que precisa caminhar junto. Quando nessa relação ensino-aprendizado há essa aproximação, o educando consegue entender melhor o sentido da educação formal como algo que está próximo da sua realidade de vida.

Nessa perspectiva, é interessante notar que os saberes tradicionais de benzeção adquiridos pelas mulheres negras foram transmitidos por meio do convívio e da observação curiosa e atenta com os mais velhos. São saberes da experiência, que foram repassados entre gerações, conforme podemos notar a partir de seus depoimentos:

Eu aprendi a Benzer com mamãe, minha mãe benzia e sempre que ela ia benzer eu ficava em cima olhando vendo, observando ela benzer. Então ela falou assim, Zaninha, eu vou te ensinar a benzer porque você é a única que fica atrás de mim. Eu não podia ver mamãe benzer que eu ficava atrás. Toda vez eu estava olhando. Naquela época eu tinha quinze anos. Desde pequena eu interessava pela benzeção. De todos os filhos somente eu é que aprendi (Zana, benzedeira quilombola, 2020).

Eu aprendi porque minha avó benzia, a minha mãe também benzia, aí eu aprendi e por necessidade. Naquele tempo, às vezes, eles precisavam de alguém para benzer as crianças e não tinha ninguém naquela hora ali perto. Das filhas da minha mãe somente eu interessei por esse ofício, nós eramos onze filhos. Eu ficava observando e minha mãe, e minha avó me ensinou as palavras (Zinha, benzedeira quilombola, 2020).

Igual eu falei, a partir de 7 anos aprendi um pouquinho. Eu ia observando as pessoas, as orações eu ouvia e ia decorando. Minha avó falou que ia deixar para mim um patoá. Ela disse: “Você não vai abrir, mas, eu vou falar as palavras, você vai escutar e aprender para benzer as pessoas”. Aí eu fui aprendendo e estudando mais, rezando as orações, com dezessete anos fui rainha do Rosário em Esmeraldas. Eu comecei a fazer a benzeção eu tinha 13 anos. Meus avós e tios benziam. Eles me escolheram porque eu ficava sempre observando eles falando as palavras. Eles passavam aquele raminho e as pessoas melhoravam mesmo. Inclusive quando eu tinha 09 anos eu tive um sonho, não um sonho, foi um aviso. Eu estava lavando vasilhas eu vim chorando e falei para minha mãe assim e meu padrinho morreu, ele morreu, ela me bateu muito. E disse: “Que conversa é essa menina?” Acabei de falar, esses tropeiros, aquele tipo caipira mesmo chegou e falou: “Ô, Dona Guiomar, arranja um lençol aí para nós, o Chiquito caiu de uma ponte e deve estar muito ruim, nós estamos levando-o para a cidade de Belo Horizonte, acho que não vai escapar”. Eu tive um aviso e a partir daí eu falava umas coisas assim e apanhava demais. Mas aí comecei a rezar e com uns raminhos de arruda, de guiné, de alecrim e as pessoas melhoravam. (Chica, benzedeira e parteira quilombola, 2020).

Importante ressaltar segundo esses relatos a importância e a permanência da tradição oral presente no cotidiano dessas pessoas. Como essa herança de seus ancestrais trazidos da África ainda se encontram presentes na vida desses educandos.

Cabe aos professores estabelecer relações sobre a permanência dessa tradição, fazer paralelos com a linguagem atual, verificar como é possível até a atualidade essa herança permanecer viva. Constatamos que, no Brasil, a comunicação através da oralidade é uma herança significativa trazida pelos africanos.

Segundo Silva (2020), é preciso mirar o cotidiano para compreender o *modus operandi* no qual a cultura popular negra cria-recria, produz-reproduz, significa-ressignifica a condição material e os símbolos culturais societários da modernidade tardia. Para o autor, é no cotidiano que as religiões afro-brasileiras, as organizações negras, as tecnologias africanas, entre outras têm resistido ao longo dos séculos (SODRÉ, 2017; MOURA, 1984; CUNHA JR., 2010).

A benzeção é parte desse saber, que resiste com o passar dos tempos. E, portanto, a discussão acerca da Educação Popular Negra defendida pelo autor é profícua na discussão dessa categoria. E mais, as contribuições dadas pela antropóloga Jean Lave em relação à aprendizagem como prática faz parte também da discussão.

A EJA representa um campo de estudos muito vasto e muito significativo para tais discussões. É, portanto, necessário que os professores entendam a importância e o quão é necessário aproximar os saberes formais dos saberes populares e tradicionais e levar para a sala de aula discussões sobre os mais diversificados temas que fazem parte da vida e cotidiano dos estudantes.

Dessa forma, os estudantes poderão contribuir com suas experiências e se tornarem protagonistas na relação ensino-aprendizagem. Pensamos ser bastante significativo para um ensino decolonial e que possa ter como princípio a formação de um povo que entenda o que é ser colonizado e como se desvencilhar dessa armadilha que é o pensar com a cabeça do colonizador.

Diante disso, verifica-se que os saberes tradicionais e populares negros e formal fazem parte da construção da nossa história, e através deles as manifestações de nossos ancestrais indígenas e africanos nos deixaram heranças significativas nos modos de ser, fazer e viver.

As manifestações desses saberes estão presentes em nosso cotidiano e muitas vezes não são entendidas como parte dessa construção histórica. Reconhecer, respeitar e valorizar esse legado sócio-histórico em relação à contribuição por parte dessa população diz respeito, portanto, à proposta de uma educação voltada à promoção da igualdade étnico-racial.

4.2 Tensão entre saberes tradicionais comunitários e o conhecimento moderno societário

A tensão gerada entre a sobrevalorização do conhecimento científico e o desprestígio em relação à prática dos saberes tradicionais é percebida pelas interlocutoras da pesquisa. Além disso, elas identificam que as novas gerações não se interessam por aprender o ofício da benzeção, o que compromete a transmissão geracional desses conhecimentos, correndo o risco de sua extinção com o passar dos tempos.

Hoje você vê que tem muita falta de fé, não é com a mesma frequência que antigamente. Antes as pessoas eram mais unidas na comunidade, elas iam mais a igreja e elas tinham mais fé. Eu acho que, parece que tudo está mais moderno e os jovens de hoje preferem ir a um posto de saúde do que procurar uma benzeadeira. Somente quando alguém que acredita muito e fala que alguns procuram (Zana, benzeadeira quilombola, 2020).

Sim qualquer pessoa pode aprender. Acho que se a pessoa tiver interesse, mas hoje em dia muita pouca gente tem interesse em aprender. Hoje em dia é até difícil de achar uma pessoa que benze. (Zinha, benzeadeira quilombola, 2020).

[A escola poderia valorizar mais o conhecimento das benzeadeiras] Poderia sim, porque os meninos aprendendo sobre as orações é muito importante, eles podem passar a acreditar mais na cura. Muitos quando me veem fazendo as orações falam comigo “Será que senhora me benzia?” A gente benze falando aquelas palavras para eles ouvirem. Acho que a escola poderia ajudar na transmissão desse processo de conhecimento. No nosso tempo tinha isso. Às vezes, você está com dor de cabeça e não sabe o que é, aí a gente vai benzer, você vai melhorar e estudar direitinho. Vamos benzer um quebrante, um mau-olhado, mau-olhado é inveja né, tem até na Bíblia. A Bíblia Sagrada fala sobre a inveja, a inveja faz mal, faz desânimo, então a gente benze aquilo (Chica, benzeadeira e parteira quilombola 2020).

A percepção da ausência de valorização dos saberes tradicionais por parte da escola é também apontada por Zana.

A Escola não valoriza esse tipo de conhecimento popular não. A Escola tinha que trabalhar essas coisas melhor, os alunos tinham que aprender a valorizar todas as religiões, as pessoas, independentes que religião elas sejam. Nunca fui convidada para falar sobre benzeção [na escola e/ou na EJA], todas às vezes que fomos convidados foi para falar sobre o Congado. Então, nas escolas os capitães falavam sobre a irmandade, sobre as Guardas do Congado. Hoje em dia existe muita falta de interesse os jovens. Eles não ligam muito para as tradições, às vezes eles falam assim: “Ah! Isso é coisa de velho, é coisa antiga”. Lá dentro da Irmandade, os jovens valorizam mais, os que estão lá dentro. Como os conhecimentos passam de pai para filhos, eles dão mais valor. Lá dentro tem avô, pai, filho e neto. E aí eles dão mais valor. O pessoal do Zé Jorge, que é fundador, passou para os pais que passaram para os filhos e assim vai de geração para geração. (Zana, benzeadeira quilombola, 2020).

Analisando essa categoria analítica a partir das contribuições da teoria social, dos estudos culturais, pós-coloniais e decoloniais, considerando-se que em sociedades como a brasileira as práticas tradicionais e o conhecimento técnico-científico desde sempre coexistiram. Essa consideração difere, portanto, inclusive da aposta do pensamento de caráter evolucionista defendido por alguns clássicos da sociologia, os quais acreditavam que o advento da sociedade moderna suprimiria todo e qualquer tipo de prática ligada aos saberes tradicionais.

Conforme explicitado nos relatos de nossas sujeitas, a escola ainda desconsidera e não valoriza os saberes tradicionais e populares negros. Esses saberes são parte da vida de muitos educandos, e discutir essa temática na escola deve ser papel do professor.

Há muito essa instituição tem sido indagada no sentido de incorporar uma formação mais apropriada para o desenvolvimento de uma cidadania verdadeira, mais plena e uma sociedade que reconheça na sua memória e história a relevância de legados importantes deixados por nossos ancestrais afro-pindorâmicos¹⁴.

Consideramos, nesse caso, que está em curso uma disputa de narrativas históricas em relação ao projeto de Humanidade e, conseqüentemente, tudo o que implica a sua construção desde a periferia capitalista-colonial global. É nessa perspectiva que a realização deste estudo prima pelo olhar da população que teve os seus saberes reificados pelo mundo colonizado, não obstante, desde sempre insiste nas brechas do sistema opressor reimaginar outras e novas formas de resistir.

4.3 Os sentidos da benzeção: resistências e patrimônio imaterial ameríndio e afrodiaspóricos

Em pleno contexto social da globalização está ocorrendo um processo de mudança social relacionado à valorização da cultura local e, por conseguinte, uma preocupação social gradativa relacionada à ética do respeito e do cuidado de preservar o meio ambiente e os saberes tradicionais considerados patrimônios imateriais.

¹⁴ Esse termo foi concebido pelo mestre do saber, Antônio Bispo dos Santos (2015), que abrange a perspectiva de luta e de resistência da população quilombola, negra e originária. O conceito *contracolonial* utilizado neste estudo é de inspiração também desse autor.

O início da discussão sobre noção de “Patrimônio Imaterial” no Brasil no âmbito do IPHAN se dá a partir de meados da década de 1970. Uma nova atmosfera de mudanças e inovações que o órgão passa a incorporar em sua dinâmica de trabalho, o conceito de “referências culturais” nas políticas de preservação cultural.¹⁵

Na década de 1980, na formulação da Constituição de 1988, os artigos 215 e 216 destacam os “bens culturais” de caráter “imaterial”. A partir de então, em linhas gerais, o Estado passa a ser responsável em reconhecer e promover a diversidade cultural (religiosidade, culinária, danças, narrativas, brincadeiras, festas, etc.) do país como sendo de inestimável valor e significado. Isso se deve ao reconhecimento de que esses bens contribuem para o fortalecimento da cidadania dos indivíduos responsáveis pela produção dessa cultura.

Atualmente, no Brasil, várias políticas públicas voltadas para o campo do “patrimônio imaterial” são desenvolvidas. As discussões em torno desse campo de estudos e pesquisas circulam nas áreas da sociologia e da antropologia e, por vezes, chegam à esfera jurídica. Atualmente, há uma legislação que define com precisão o campo.

O Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. São considerados bens de natureza imaterial manifestações, celebrações, diversificadas formas de expressão, ofícios e saberes populares, entre outros, que se tornaram objetos de políticas de reconhecimento do Estado.

Os registros das referências culturais são realizados pelo IPHAN, que utiliza a ferramenta “inventário” visando identificar os bens imateriais de modo a classificá-los adequadamente.

Para registrar a cultura de natureza imaterial e contemplar as categorias, lugares, expressões, celebrações e saberes, o IPHAN usa a metodologia INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais.

Constituem parte do patrimônio imaterial “os usos”, “as representações”, “as expressões”, “os conhecimentos”, “as técnicas”, entre outros. Deve-se ter com clareza que as manifestações culturais não estão dissociadas dos lugares, objetos e elementos edificados.¹⁶

É nessa perspectiva que se situa o sentido de benzeção, bem como a preservação do legado dos saberes das mulheres negras e quilombolas, que foram muitas vezes adquiridos por meio de gerações anteriores.

¹⁵ Revista *CPC*, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio/out. 2009.

¹⁶ Revista *CPC*, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio/out. 2009.

A esse respeito, vejamos o que nos diz uma das benzedadeiras que iniciou a prática de benzeção dentro da própria família, reafirmando, assim, a tradição de oralidade ancestral dessa prática.

Eu gostava muito de ver minha mãe ajudando as pessoas. Às vezes as pessoas chegavam lá na minha casa triste, doente e pedia minha mãe para benzer. Então passava um tempo ou então no outro dia chegavam lá agradecendo dizendo que havia curado. Aquilo para mim era muito importante e eu quis também ajudar as pessoas, assim do meu jeito. [Significado de benzeção?] Ajudar as pessoas que tem fé é muito gratificante, quando a gente ajuda as pessoas que precisam dá uma grande satisfação. São muitos anos, [que sou benzedeira] eu já era mocinha quando eu comecei a benzer, tem mais ou menos mais de 25 anos que eu benzo as pessoas (Zana, benzedeira quilombola, 2020).

Conforme estudos em nossa pesquisa, reafirmamos aqui o significado que as benzedadeiras possuem em sua comunidade, para as pessoas que residem naquele local e proximidades. Veja o que nos relata Oliveira em um de seus manuscritos e também o relato de Chica.

O processo de legitimação da profissão de benzedeira ou rezadeira é tão importante quanto a transmissão dos saberes, pois é o momento em que “as próprias benzedadeiras e as pessoas da comunidade reconhecem na benzedeira ou rezadeira uma agente legítima ao exercício da sua profissão. (OLIVEIRA, 1985, p. 39).

Minha vida aqui na comunidade sempre foi ajudando as pessoas em Areias, Justinópolis, Esmeraldas, Venda Nova e atendia Bairro Vera Cruz e até em Contagem eu que atendia as pessoas [Significado de ser benzedeira?] Sou muito reconhecida, sou madrinha de muita gente, eles me reconhecem, tenho mais de quatrocentos e três afilhados de batismo, que eu batizei. Sou muito reconhecida (Chica, benzedeira e parteira quilombola, 2020).

Elas percebem que cada vez mais é difícil transmitir seus conhecimentos para as novas gerações da comunidade do quilombo. A prática de benzeção encontra-se ameaçada, pois não há uma preocupação de registrar os saberes populares medicinais de que elas são detentoras.

A minha filha Rosana gosta muito de rezar, fazer essas orações. Tem uma outra neta também com vinte e cinco anos que gosta. Ela tem um canal no youtube de orientações na mesma linha de tratamento de pedras. Orienta as pessoas para tratamentos diversificados. Eu me sinto feliz as pessoas reconhecerem que é algo importante o que eu faço (Chica, benzedeira e parteira quilombola, 2020).

Na comunidade, a prática de benzeção é associada às religiões de matriz afro-brasileira, sendo muitas vezes incompreendida, por parte de pessoas que professam religiões de caráter neopentecostal. Essa situação, na maior parte das vezes, é fruto de preconceito, desconhecimento e intolerância.

Para falar a verdade, depois que eu fui para lá, as coisas melhoraram muito. Eram pouco reconhecidos, as pessoas eram meio desanimadas. Eu Rainha do Congado lá nas festas, minha família toda é daqui, ao longo do tempo melhorou muito, até depois que eles conheceram as benzeções O relacionamento, a amizade e a compreensão, porque esse negócio de benzer, de espírito, essas coisas. Tinha gente que achava que era coisa do mal, até porque tem coisas que é do mal. Mas como eles começaram a saber que era uma coisa boa, que até ajuda, que é de Deus, tem até no Evangelho, Jesus curou, ele benzeu, ele jogava água nas pessoas, passava um cuspe e a pessoa sarava, não era o cuspe, era a palavra e a oração que ele fazia. Depois que eles entenderam o que são as bênçãos, as pessoas pedem, até os pequeninos. Pedem para passar o Rosário, falam: “Pede ela para passar o Rosário. Eu tô tão triste!” E eles ficavam animados, quando eu estou na Guarda é diferente, tem muitos anos que eu estou de Rainha, eu participo lá eu tinha oito anos, meus avós, meus tios. Eu fui Rainha da Ordem Templário de Santo Antônio, fizemos a abertura (Inauguração do Mineirinho). Eu sou Rainha há setenta e dois anos, eu acho que melhorou muito mesmo Justinópolis, até porque as criancinhas pedem as bênçãos, eles abaixam a cabecinha, sabem que tem que levantar o pezinho, já criaram o hábito de pedir as benzeções. Quando eu chego todos querem dançar, às vezes estão parados, até os adultos, eles sentem falta de mim, aí eles falam a madrinha vem? (Chica, benzeadeira e parteira quilombola, 2020).

Eu uso terço, caso a pessoa não esteja com ele, pode usar um ramo de uma planta, guiné, arruda. Aqui em casa tenho umas plantinhas de hortelã, manjeriço, essas mesmo mais comuns. Receita chá de levante, manjeriço, hortelã, depende do que a pessoa tem. Pode usar guiné, arruda ou assa-peixe, depende do mal que a pessoa está sentindo. (Zana, benzeadeira quilombola, 2020).

Tem gente que benze com ramos, eu benzo com terço, eu benzo em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. [Já sofreu algum tipo de preconceito ou perseguição por ser benzeadeira?] Não, nunca tive esse problema não. Eu benzo em qualquer lugar da minha casa, não tem um lugar certo não. Procuram para curar espinhela caída, vento virado, uma dor de cabeça forte que às vezes a pessoa está sentindo há muito tempo. Eu estou com a bandeira de São Sebastião hasteada aqui no meu terreiro, nós fizemos a novena de São Sebastião durante 09 dias, hasteamos a bandeira no dia dele. Ele é que é nosso protetor, meu pai curava bicheira de animal era com as palavras de São Sebastião. Eu também sempre benzo com N. Sra. Aparecida, ela é a nossa mãe Maria Santíssima, não tem nada de espiritismo, meu é tudo da Igreja Católica. Noutro dia quem levou a criança para benzer foram os próprios pais evangélicos. E hoje sempre que precisam eles vão lá levam a criança. Eu tenho o hábito de receitar um chazinho, mas para o menino não tinha coisa melhor. A mãe até comprou uma muda da planta porque todo dia a criança quer tomar o chá. Não faz mal porque é erva natural de Levante. Propriedades do Levante. A planta possui várias propriedades medicinais, tais como: calmante, vermífuga, antiespasmódica e antelmíntica. Muitos que são evangélicos falam que aquilo ali [Congada] é macumba. E gente que chegou agora quando eles passam em frente à Igreja eles falam, vão passar em frente à Igreja da Macumba. É falta de conhecimento, isso a Irmandade é uma Cultura, tanto que você vai a Aparecida do Norte mês de abril é Festa de São Benedito. Lá tem uma Procissão dos Cavaleiros, são dois mil Cavaleiros, os Congados que vão para lá de todo lugar do Brasil (Zinha, benzeadeira quilombola, 2020).

Quando indagadas sobre preservação e continuidade tanto do ofício de benzeção e da congada elas consideram que:

Mudou muitas coisas aqui na Irmandade, porque era os antigos é que sabiam esses conhecimentos, hoje são menos. Eu tenho um irmão que plantou aquela grama

todinha lá na frente da Igreja, nós morávamos do lado de cima da Igreja, aquela parte toda era aberta e a gente é que tomava conta daquilo ali. Quando tinha festa meu pai fazia doce para vender na festa, e eu carregava água, tirava água do poço a noite inteira até encher os tambores para o pessoal beber no outro dia, no dia da festa, era muita gente, vinha gente de longe, eu tinha muito parente, gente que morava mais longe. Quando faltava um mês mais ou menos minha mãe já começava a encher os colchões de palha, eles vinham e hospedavam tudo lá na minha casa e na Igreja. Antigamente os Congados eram diferentes. Tinha ensaio no fim de semana, quando chegava mais perto da festa era de oito em oito dias. Essa época eu era mais nova, mas ficava até tarde carregando água para encher os tambores para o pessoal beber. Não tinha água. Tinha uma mina e a gente pegava a água lá. (Zinha, benzedeira quilombola, 2020).

Cabe ressaltar, portanto, a importância da medicina popular na experiência de vida dessas mulheres. Essa prática de medicina, de certa forma, sempre esteve presente no âmbito da cultura popular negra. Na ausência de acesso à medicina formal foi por meio do conhecimento das ervas medicinais que a população afro-indígena desenvolveu toda uma prática curativa. Não se trata aqui de dicotomizar e muito menos hierarquizar a medicina popular e erudita, mas sim de reconhecer o intercâmbio existente entre elas.

Do ponto de vista das classes subalternas, as duas culturas e as duas medicinas, a popular e a erudita, coexistem há muito tempo. Contudo, é recente o fenômeno de valorização da medicina popular na formulação de uma nova medicina social, que utilize tanto os conhecimentos da prática médica de uma quanto da outra medicina. [...] Juntamente com os oprimidos neste processo de produção que os expropria dos benefícios sociais. Deve ser a síntese de uma cultura que absorva as contribuições do ofício do raizeiro, da benzedeira, do ervateiro, da parteira, dos médicos, enfermeiros, bem como da população engajada. (OLIVEIRA, 1985, p. 85).

No contato e diálogo estabelecidos com a comunidade quilombola, observamos que é comum encontrar nas residências plantas e ervas usadas para tratamento de enfermidades, confecção de chás, banhos e imersões.

Conforme nos esclarece as benzedeiras, o processo de cura se dá através da observação, e as respostas vêm da natureza. Geralmente as plantas medicinais são usadas em chás, banhos e ainda para benzer as pessoas. Em seus relatos, fica explícito que as pessoas não iam aos hospitais, sobretudo, devido à precariedade de equipamentos de saúde em função do descaso por parte do Estado com a população negra e indígena e pobre, e com isso os tratamentos com essas ervas medicinais eram utilizados para tratar a saúde dessa parcela da população.

Relacionamos brevemente aqui algumas das plantas medicinais que são usadas, entre outras, desde os primórdios pelos nossos ancestrais em território brasileiro. Os exemplos listados são algumas utilizadas pelas benzedeiras para cura de diversos males.

Figura 11 – Assa-peixe – planta medicinal – *Vernonia polysphaera*



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Assa+peixe+-+Planta+Medicinal+-+Vernonia+polysphaera>.

A planta medicinal assa-peixe é uma planta rica em sais minerais e possui propriedades anti-inflamatórias e expectorantes, sendo uma ótima opção para complementar o tratamento de alterações respiratórias, como gripe e bronquite. Por exemplo, é capaz de aliviar alguns sintomas como dor nas costas, dor no peito e tosse.

A assa-peixe é conhecida cientificamente como *Vernonia polysphaera*, traz benefícios para a saúde e é frequentemente encontrada em terrenos baldios e pastagens, sendo muitas vezes considerada erva-daninha, multiplicando-se rapidamente em solos pouco férteis. Planta bastante usada na medicina popular, as benzedeiras usam com frequência em suas benzeções para tratar doenças na pele, dentre outras.

E hoje sempre que precisam eles vão lá levam a criança. Eu tenho o hábito de receitar um chazinho, mas para o menino não tinha coisa melhor. A mãe até comprou uma muda da planta, porque todo dia a criança quer tomar o chá. Não faz mal, porque é erva natural de Levante. Propriedades do Levante. A planta possui várias propriedades medicinais, tais como: calmante, vermífuga, antiespasmódica e antelmíntica. (Zinha, benzeira quilombola, 2020).

Nas casas das benzedeiras é muito mais comum o cultivo dessas plantas de uso medicinal. São usadas nas práticas das benzeções e nos rituais de tratamento, nas curas de males diversos como dores no corpo, gripes comuns, resfriados e diversos ferimentos.

Figura 12 – Plantas medicinais e qualidade de vida



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=++Plantas+Medicinais+e+qualidade+de+vida&client>.

A maioria das pessoas que procuram as benzedadeiras usa essas plantas e pede orientações sobre o que usar e como usar os chás, por exemplo. As benzedadeiras exercem um papel importante na comunidade, são acreditadas pelo saber que trazem consigo e têm a confiança das pessoas que as procuram.

Figura 13 – Melissa, planta medicinal – *Ervanarium*



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Melissa+Planta+Medicinal+Ervanarium&tbm>.

A planta melissa, mais conhecida como erva-cidreira, é uma planta herbácea da mesma família da hortelã, da menta e do boldo. É nativa de países da África, Europa e Ásia, conhecida e apreciada por todo o mundo.

Os benefícios se devem a uma série de compostos ativos presentes na planta melissa, tais como o ácido rosmarínico, taninos, eugenol, flavonoides, compostos polifenólicos, cobre, zinco e diversas vitaminas. É uma planta que tem séculos de história. Na Idade Média era usada para fins medicinais, como curar feridas, aliviar tensão e até mordidas de animais. As benzedeadas recomendam o uso do chá para melhorar a digestão, para controle de ansiedade e combate à insônia e outros benefícios.

Muitos que conhecem procuram porque é uma coisa boa, bem aceita pelas pessoas da comunidade, elas acreditem e têm muita fé. As pessoas procuram muito aqui na comunidade, procuram quando estão doentes e tem gente que vai ao médico e lá não conseguem resolver, então procuram a benzeção, porque acreditam que vão ser curadas. É uma tradição, porque cresceu vendo aquilo, a mãe, a avó indo para benzer e levando as crianças ou elas mesmas, então elas trazem esse costume. [A importância de transmitir o ofício] Acho sim, a vida da gente é o seguinte, hoje a gente está aqui amanhã não tá, então é muito importante as pessoas mais novas para poder aprender, para ter o pessoal daqui a alguns anos mantendo esse conhecimento que hoje nós temos. [São só mulheres que pode benzer?] Não, homem também pode aprender, tem alguns homens que também benzem. Aqui na comunidade mesmo teve um, faleceu, ele era muito conhecido, muitas pessoas vinham para serem benzidas por ele, ele fazia umas garrafadas de remédio e curava muita gente (Zana, benzedeadora quilombola, 2020).

Nos relatos sobre de que forma e como aprenderam as receitas desses remédios caseiros, chás, elas nos dizem que aprenderam com os mais velhos da comunidade, aprenderam com a mãe, a avó. Isso nos remete a uma simbologia e aspectos que demarcam com intensidade a tradição oral da comunidade, transmitida de forma geracional.

A gente aprende ouvindo as palavras. Tinha uma senhora que morreu há uns vinte anos atrás mais ou menos. Ela ia me passar um livro dela de benzeção, que longe ela benzia. Hoje em dia meu irmão benze de longe, meu pai também benzia bicheira de boi, cavalo. Ela ia me passar um livro para mim, só que eu fiquei de pegar esse livro e nunca fui e aí ela morreu e não peguei. Sim já passei para a minha filha, ela teve interesse. Se não tiver interesse não passar adiante. Eu tenho outros filhos, mas nenhum teve interesse, só ela. Tem uma netinha pequenininha, tudo que eu vou fazer ela quer aprender, ela tem nove anos. Ela falou que quer ser cozinheira igual a mim, quer fazer tudo que eu faço, ela é uma que tem interesse, mas os outros não (Zinha, benzedeadora quilombola, 2020).

Figura 14 – Levante – planta medicinal – *Mentha citrata*



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Levante-Planta+Medicinal+-+Mentha+citrata&tbm>.

Levante é uma planta de uso medicinal que possui propriedade anti-helmíntica, anti-histamínica, antiespasmódica e calmante. Na medicina popular, é utilizado para problemas respiratórios e digestivos. Um banho com esta erva é revigorante.

É utilizada na indústria para extração dos óleos, rico em monoterpenos, com propriedades cosméticas, farmacêuticas, culinárias, além de servir para fabricação de licores. Planta recomendada pelas benzedeiras para uso de chás com objetivo de aliviar tensões e ansiedades e para melhorar problemas respiratórios em geral.

Foi possível constatar nas nossas pesquisas que existem plantas com finalidades específicas. Para cada doença ou problema de saúde, usa-se uma determinada planta, que normalmente é cultivada na própria comunidade ou no quintal da benzedeira.

Eu faço muito remédio assim, muito remédio pra bronquite, eu faço, mas eu não gosto não. Eu faço porque é um dom que a gente já nasceu com ele, então, a gente tem que seguir né. [A importância de benzeção na comunidade?] Ah! Eles falam assim que é só eu benzer que eles melhoram, eu digo para eles que eles têm que ter fé, não eu. Eu falo as palavras de Deus e vocês é que têm que ter fé (Zinha, benzedeira quilombola, 2020).

Percebemos que o uso dessas plantas medicinais favorece também na questão financeira, uma vez que a partir do conhecimento natural as pessoas conseguem resolver seus problemas de saúde sem a necessidade de recorrer a medicamentos em farmácias e drogarias.

Figura 15 – Mastruz – planta medicinal – *Amaranthaceae*



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Mastruz-Planta+Medicinal-Amaranthaceae&tbn>.

O mastruz é uma planta medicinal, também conhecida por erva-de-santa-maria ou chá mexicano, que é muito utilizada na medicina tradicional para tratar vermes intestinais, má digestão e para fortalecer o sistema imunológico.

Essa planta tem o nome científico de *Chenopodium ambrosioides*. É considerada um pequeno arbusto que cresce espontaneamente em terrenos nos arredores de habitações, possuindo folhas alongadas, de diferentes tamanhos, e flores pequenas e de cor esbranquiçada.

O uso da planta é recomendado pelas benzedadeiras para dores intestinais e problemas digestivos em geral.

Entendemos que os saberes tradicionais e populares negros produzidos pelas sujeitas da pesquisa necessitam de fazer parte de práticas educativas desenvolvidas na educação básica de maneira geral e na EJA, em específico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou investigar se os saberes tradicionais e populares negros de três mulheres negras, benzedeiros quilombolas, eram levados em consideração com os processos educativos da EJA realizados pela instituição pública escolar que se localiza no entorno dessa comunidade. Os resultados apontam que de maneira direta essa interlocução não ocorre. Por mais que se tenha verificado que há projetos desenvolvidos na instituição referente à valorização dos saberes tradicionais, constatou-se que a prática de benzeção e/ou da medicina popular afro-indígena não integra a proposta curricular.

A esse respeito, consideramos relevante, tendo em vista as orientações contidas nas Leis 10.639 e 11.645, bem como suas diretrizes, estabelecer a relação dialógica entre esses saberes e a EJA.

O diálogo com as sujeitas nos permitiu entender que os saberes de benzeção de que elas são detentoras é muito importante para comunidade e para a Irmandade N. Sra. do Rosário de Ribeirão das Neves. Eles fazem parte, nesse caso, de um legado importante da população afro-indígena transmitido de maneira intergeracional.

Como professor de história e atuando na educação pública, avalio que é extremamente necessário criar meios para que os saberes tradicionais e populares negros dialoguem com as práticas educativas desenvolvidas nessa modalidade de ensino. Afinal, na realização deste estudo apontamos que tais saberes são considerados patrimônios imateriais que, inclusive, são preservados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A pesquisa revelou ainda um tensionamento da prática de benzeção com as crenças religiosas de caráter neopentecostais. Muitas vezes, o conflito advém da incompreensão, da ignorância, como também por parte do racismo religioso. A esse respeito, observamos que a preservação desse patrimônio cultural e imaterial não é valorizada por uma parte significativa de moradores residentes no município de Ribeirão das Neves.

Não obstante, no âmbito da comunidade investigada, os participantes da Irmandade do Quilombo de maneira geral reconhecem e respeitam a função ocupada por essas mulheres negras benzedeiros quilombolas. Na verdade, verificou-se que os saberes e as práticas são também valoradas por parte de pessoas de fora da comunidade, sobretudo, pesquisadores, agentes públicos ligados à cultura, antropólogos, ONGs e outros segmentos, que a cada dia passam a ressignificar e preservar esses territórios e as práticas que são ali desenvolvidas.

Essa ressignificação, valorização e reconhecimento por parte da sociedade civil e governamental contribuem para que esses saberes tradicionais e populares negros sejam preservados pelas pessoas que ali residem, o que, infelizmente, ainda não acontece com a comunidade escolar.

Nessa direção, a pesquisa apontou que há uma tentativa por parte das benzedeadas de repassar o seu legado para as novas gerações. Essa transmissão é fruto de negociação, e, quase sempre, a aprendizagem se dá por meio dos vínculos de afeto estabelecido entre as gerações.

Sabe-se que essa tradição necessita de reconhecimento para sua própria sobrevivência, para manutenção da memória e construção da história da sociedade brasileira. De modo específico, a função desempenhada por essas mulheres negras dentro da Irmandade é fundamental. Em outras palavras, são elas que influenciam diretamente a vida política, religiosa e cultural da comunidade.

Os achados da pesquisa mostram que o quilombo urbano preserva em suas vivências o caráter comunitário das práticas tradicionais. Tais características ocorrem a partir dos indícios de fortes elementos do catolicismo popular, da preservação da memória de luta e resistência da população negra por meio da manifestação do Congado e, por fim, através da valorização da ancestralidade e oralidade, do uso de plantas medicinais, entre outros.

Na prática de benzeção é nítida a presença de elementos culturais afro-indígenas, bem como de origem portuguesa manifestada dentro do catolicismo nas orações “Pai Nosso” e “Ave Maria”, o sinal da cruz, nas procissões, entre outros. Verificamos que as benzedeadas utilizam a comunicação gestual, simbólica e oral em contextos familiar, comunitário e religioso, no sentido de ocupar um lugar no grupo social de confiança entre seus pares, representando com isso uma função social de destaque no que concerne à constituição de uma encruzilhada identitária de *ser* mulher, negra e quilombola.

Por fim, a investigação revelou ainda que para perceber, reconhecer e valorizar novas abordagens de ensino-aprendizagem na EJA necessitamos lançar mão de outros referenciais epistêmicos. Por esse motivo, a abordagem teórica-prática-reflexiva relacionada à Educação Popular Negra foi relevante no processo investigativo realizado. Nesse sentido, ao garantirmos centralidade ao saber e à cultura popular negra por meio da prática da benzeção realizada por essas sujeitas, compreendemos que a construção e fortalecimento de uma educação que seja de fato democrática, emancipatória, antirracista e contracolonial requer necessariamente considerar esses e outros saberes afro-pindorâmicos concretizados, muitas vezes, no seu entorno.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. O. *Mulheres negras da montanha: a religiosidade das benzedeadas de Rio de Contas*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-SP, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Edielson Manoel Mendes de. *Um estudo do diálogo entre o conhecimento escolar e o Saber popular dos ribeirinhos da Ilha do Açaí*. 2016. 227f. Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

ALVES, Janaína; FILHO, Eudaldo. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. *Revista da ABPN*, v. 9, Ed. Especial – Caderno temático: saberes tradicionais, p. 50-76, dez. 2017.

AMBROZIAK, Renata Siuda. Benzedeadas em vias de extinção na Ilha da Magia. *Metis: História & Cultura*, 17, 34, 2018.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BARDIN, L. (Trabalho original publicado em 1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard*. Tradução de Élcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BENTO, A. Investigação quantitativa e qualitativa: dicotomia ou complementaridade?. *Revista JA* (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), n. 64, ano VII, p. 40-43. ISSN: 1647-8975.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhias das Letras, 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.

BRASIL. *Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 25 nov. 2017.

CASTRO, E. O medo dos outros. *Revista Antropologia*, São Paulo, USP, v. 54, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39650/43146>. Acesso em: 06 maio 2020.

CORREA, Juliana Aparecida Garcia. *De reinados e reisados: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis/MG*. 2009. 132f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CPERS/Sindicato. Conferência Encontro do Movimento Pedagógico Latino-Americano. Disponível em: <https://cpers.com.br/miguel-arroyo-destaca-o-momento-de-luta-e-resistencia-pelo-qual-passa-a-educacao-publica/>. Acesso em: 23 out. 2019.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino *In: DEL PRIORE, Mary. (org.). História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

EVARISTO, Conceição. Escrivivências da afro-brasilidade: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov. 2008. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/escrevivencias-da-afro-brasilidade.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JACOB, C.; BRANDÃO, J. L. Retorno aos lugares do saber. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, v. 19, n. 1.2, 12 dez. 2012.

KAWAKAMI, Erica Aparecida. Relações étnico-raciais e a produção acadêmica na educação de jovens e adultos em 10 anos de ANPEd. *EJA em Debate*, Florianópolis, ano 3, n. 4. jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1679>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LÉVI-STRAUSS, C. A eficácia simbólica. *In: LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975b, p. 200-220.

LÉVI-STRAUSS, C. O feiticeiro e sua magia. *In: LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975a, p. 181-200.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeira Passos).

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é medicina popular*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeira Passos).

PASSOS, Joana Célia dos; SANTOS, Carina Santiago dos. A educação das relações étnico-raciais na EJA: entre as potencialidades e os desafios da prática pedagógica. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PEREIRA, Edmilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira Magalhães. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

REVISTA CPC. São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.

REVISTA DA ABPN. v. 9, p. 50-76, 152-173, dez. 2017. Ed. Especial – Caderno Temático: Saberes Tradicionais.

REVISTA INTERDISCIPLINAR SULEAR. Ano 2, n. 2, set. 2019. (Edição Especial Dossiê SULEar UEMG Educação afrodiásporica e transformações na prática universitária: o SULEar como uma perspectiva decolonial entre saberes).

REVISTA UFMG. Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 14-41, jan./dez. 2012.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do sul*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Carina Santiago dos; PASSOS, Joana Célia dos. A educação das relações étnico-raciais na EJA: entre as potencialidades e os desafios da prática pedagógica. *Educ. Ver*, Belo Horizonte, v. 34, 23 nov. 2018.

SANTOS, Francimário Vito dos. *Rezadeiras: prática e reconhecimento social*. 2004. 92f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

SANTOS, Marcos Antônio Silva dos. *O processo seletivo especial da Unifesspa para quilombolas: uma análise a partir das trajetórias universitárias, projetos de vida e representações sociais dos estudantes*. TCC (Faculdade de Ciências Sociais) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, PA, 2017.

SILVA, Givânia Maria da. *Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas*. 2012. 199 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, Natalino Neves da. Educação de jovens e adultos e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), v. 3, n. 3, p. 200-213, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/260> Acesso em: 10 nov. 2019.

SILVA, Natalino Neves da. *Juventude, EJA e relações raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Ramos, rezas e raízes: a benzedura em Vitória da Conquista*. 1999. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

TORRES, Renivan José de. *Educação do campo e educação quilombola: cultura e saberes tradicionais na comunidade Kalunga Vão do Moleque*. 2016. 71f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC) – Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2016

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa “Saberes Tradicionais de Benzedeiras e Processos Educativos da EJA”. Após a devida leitura desse documento, compreensão e esclarecimento de dúvidas com o pesquisador, o presente termo deverá ser assinado, caso concorde em participar. Sua participação não é obrigatória, sendo certo, ainda, que a qualquer momento o participante poderá desistir do voluntariado, retirando seu consentimento, o que não trará nenhuma consequência em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição. Será emitida cópia deste termo, onde consta o telefone e endereço do pesquisador principal. Por meio desses contatos, o participante poderá esclarecer dúvidas do projeto e de sua atuação ao longo de todo o período de duração da pesquisa. Nome da pesquisa: “Saberes Tradicionais de Benzedeiras e Processos Educativos da EJA”

Endereço do Pesquisador: Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais
<https://www.icb.ufmg.br/Gerais>. Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha – Belo Horizonte – MG | CEP 31270-901 | +55 (31) 3409-5356 e-mail: secpromestre@fae.ufmg.br356

OBJETIVOS O trabalho tem como objetivo analisar os saberes tradicionais das benzedeadas do Quilombo de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis e a relação desses saberes com os processos educativos da EJA.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

O estudo servirá como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional (PROMESTRE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A abordagem da pesquisa é qualitativa e serão usados como instrumentos de coleta de dados: roteiro semiestruturado para a entrevista. O caminho que pretendemos percorrer para coletar os dados combina análise documental com entrevista. A pesquisa tem o intuito de entrevistar as Benzedeadas da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis no município de Ribeirão das Neves/MG que irão participar da pesquisa e que assinarem o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE), e realizará aproximadamente 04 entrevistas gravadas em áudio com aqueles que estiverem dispostos a participar e que assinarem o “Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido” (TCLE), contudo, este número é apenas uma estimativa, pois só será possível determinar a quantidade de entrevistas à medida que a investigação avançar e que se começar a verificar uma saturação nos dados coletados.

RISCOS E DESCONFORTOS

Os riscos decorrentes da participação nessa pesquisa são com relação à possibilidade de descumprimento da Resolução 196/96 por parte do pesquisador, o que incorreria em falta de ética, como, por exemplo, identificar os sujeitos pesquisados. Contudo, os pesquisadores se comprometem a cumprir à risca a Resolução 196/96. É importante ressaltar que o(s) participante(s) da pesquisa terá sua identidade ocultada e serão nomeados na pesquisa por meio de números, letras, ou pseudônimos de forma aleatória. Eles ainda não sofrerão nenhum tipo de constrangimento ou serão ridicularizados por causa de sua opinião, conceito ou preconceito. Os dados gerados durante a pesquisa ficarão de posse do pesquisador que se compromete a mantê-los em sigilo.

BENEFÍCIOS

O benefício de sua participação no estudo ocorrerá devido à natureza de o estudo proporcionar dados e reflexões que podem vir a ser apropriados para reformulação do olhar e do uso das mídias marcado pela atuação de organizações não governamentais.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE

Sua participação na pesquisa é voluntária, por isso não haverá nenhuma forma de pagamento ou ressarcimento de gastos inerentes a sua participação nesse estudo, nem indenização (reparação a danos imediatos ou tardios), contudo, é importante ressaltar que não está previsto qualquer tipo de gasto financeiro por parte dos participantes.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA

Será assegurado sigilo e anonimato do(s) participante(s) e dos dados decorrentes da coleta de dados, bem como a possibilidade de o(s) participantes desistirem de colaborar com a pesquisa, sem que haja ônus para eles. Declara-se ainda que, durante a realização da pesquisa e após sua conclusão, todo material e dado coletado, tais como questionário, gravação das entrevistas e suas transcrições, e os dados gerados com suas respectivas análises ficarão sob a responsabilidade do pesquisador, que se compromete a disponibilizá-los aos órgãos competentes, desde que se faça necessário reavaliá-los.

Assinatura do pesquisador responsável:

Ronildo Geraldo da Silva

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____,
 Estado civil _____, Profissão _____,
 Morador da rua _____, N° _____,
 Complemento _____, Bairro _____,
 Cidade _____ Estado _____,
 Portadora do RG _____ e do CPF _____

declaro que li e compreendi as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pelo pesquisador Ronildo Geraldo da Silva dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, e que, após tudo isso, concordo em participar dos estudos. Foi-me garantido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, invalidando, por conseguinte, meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Quaisquer dúvidas relacionadas ao seu direito como participante da pesquisa, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço: AV. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Belo Horizonte – MG – CEP 31270-901
 Unidade Administrativa II – 2º Andar – Sala: 2005
 Telefone: (031) 3409-4592 – E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

LOCAL E DATA: _____

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL:

(Nome por extenso)

(Assinatura)

**APÊNDICE B – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS PARA ENTREVISTA
COM AS BENZEDEIRAS**

- 1) Nome
Idade
Local de Nascimento
Raça (etnia)
Escolaridade
- 2) Estado Civil
- 3) Tem filhos? Quantos?
- 4) Qual a sua religião?
- 5) Gostaria que você contasse sobre a sua vida vivendo aqui na comunidade;
- 6) Como a senhora aprendeu a benzeção;
- 7) Você conseguiu transmitir o conhecimento aprendido para as novas gerações;
- 8) Você acha a escola poderia valorizar esse conhecimento? De que maneira;
- 9) A senhora chegou a frequentar a escola. Comente um pouco sobre essa experiência.
- 10) Os jovens e adultos daqui frequentam a EJA;
- 11) Você já foi convidada para ir à escola da EJA falar sobre esse conhecimento?
- 12) Quais são as principais dificuldades em transmitir os seus conhecimentos?
- 13) Para você qual são as principais vantagens de possuir os seus conhecimentos na sua comunidade?
- 14) Quais as principais mudanças ao longo do tempo ocorridas na comunidade quilombola;
- 15) Você gostaria de comentar mais alguma coisa? Agradecido!